



Organizadora
Taysa Matos

DIREITO & ARTE
Pela Poesia no Direito!





Copyright© Tirant lo Blanch Brasil
Editor Responsável: Aline Gostinski
Assistente Editorial: Izabela Eid
Capa e diagramação: Natália Carrascoza Vasco

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO:

EDUARDO FERRER MAC-GREGOR POISOT

Presidente da Corte Interamericana de Direitos Humanos. Investigador do Instituto de Investigações Jurídicas da UNAM - México

JUAREZ TAVARES

Catedrático de Direito Penal da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Brasil

LUIS LÓPEZ GUERRA

Ex Magistrado do Tribunal Europeu de Direitos Humanos. Catedrático de Direito Constitucional da Universidade Carlos III de Madrid - Espanha

OWEN M. FISS

Catedrático Emérito de Teoria de Direito da Universidade de Yale - EUA

TOMÁS S. VIVES ANTÓN

Catedrático de Direito Penal da Universidade de Valência - Espanha

É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais.

A violação de direitos autorais constitui crime (Código Penal, art.184 e §§, Lei nº 10.695, de 01/07/2003), sujeitando-se à busca e apreensão e indenizações diversas (Lei nº9.610/98).

Todos os direitos desta edição reservados à Tirant Empòrio do Direito Editorial Ltda.



Todos os direitos desta edição reservados à Tirant lo Blanch.

Avenida Brigadeiro Luiz Antonio nº 2909, sala 44.

Bairro Jardim Paulista, São Paulo - SP CEP: 01401-000

Fone: 11 2894 7330 / Email: editora@tirant.com / atendimento@tirant.com

www.tirant.com/br - www.editorial.tirant.com/br/

Organizadora
Taysa Matos

DIREITO & ARTE Pela Poesia no Direito!

Aicha Eroud
Alanis Marcela Carvalho Matzembacher
Alexandre Leal
Aline Venutto
Bartira Miranda
Bernardo G.B. Nogueira
Bianca Rosenthal
Cacau Novaes
Caio Vlasak
Carlos Henrique Duarte Araújo
Cynthia Possídio
Eduardo Newton
Eliene Rodrigues de Oliveira
Elizabete De Araújo Souza
Ezilda Melo
Gabriel Silas
Gustavo Medeiros
Homero Chiaraba
Imane Rane
Ismar Nascimento Jr.
Jaider Esbell
Jefferson de Carvalho Gomes
Jordane Costa Oliveira
Karina Sá
Laura Cecília Fagundes

Lougan Cardoso Lima
Lucas Gabriel S. Costa
Luciana Pimenta
Luis Wagner S. Costa
Maíra Vida
Marcia Leticia Gomes
Marilena Wolf De Mello Braga
Mírian Monte
Monaliza Maelly Fernandes Montenegro
De Moraes
Nely Nazareth
Nic Cardeal
Patrícia Salviano
Paula Yurie Abiko
Rafaela Alban
Renan Francelino Da Silva
Renato Schindler
Rodolfo Pamplona Filho
Rodrigo Luz
Rômulo Moreira
Suelen Tavares Gil
Taysa Matos
Ualy Castro Matos
Wellington Jacó Messias



tirant
lo blanch



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
PELA POESIA NO DIREITO	11
VERMELHO.....	13
A ANGÚSTIA DO PORVIR.....	14
A COVID-19 E A POESIA: ENFRENTANDO A PANDEMIA COM TONS E SOBRETONS POÉTICOS.....	15
A DANÇA DO VENTO	19
A DELÍCIA DE SI.....	20
A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE	21
A LINGUAGEM DA NOITE.....	23
A MERDA DA INJUSTIÇA.....	24
A MORTE	25
A MORTE ANUNCIADA.....	26
A MÚSICA E A VIDA.....	27
A OUTRA MENTE.....	29
A PAIXÃO PELO DIREITO	31
A PALAVRA.....	33
A PASSAGEM DO COMETA AMOR.....	35
A SEMENTE DA VIDA	36
A TEMPESTADE DO SER.....	38
ACORDEI POETA.....	39
ALÉM DO CAOS.....	40
AMOR É (QUASE) TUDO	41
AMOR EM VÃO.....	42
ANGUSTIA.....	43
ARMA	44
B-ERROS	45
BIJOUTERIA DE MIM.....	46

BRINCANDO COM AS PALAVRAS	48
CASTRAÇÃO	49
CLAREZA	50
CLIVAGEM.....	51
COVID-19: UM APELO PARA A ORDEM MANTENEDORA, UM CHAMADO PARA O PROGRESSO	52
CREPÚSCULO.....	54
DE GUAYAQUIL À MANAUS.....	55
DESCOMPASSO	56
DESOLAÇÃO	57
DIREITO & MÚSICA - REALIDADE DISTANTE.....	58
DIREITO PENAL (E) A TRAGÉDIA RODRIGUEANA EM DOIS ATOS.....	61
DOPPELGANGER.....	63
E TUDO ACABOU.....	64
ELAS E ELE	65
ENERGIA.....	67
<u>ENTRE VERSOS E BATIMENTOS CARDÍACOS.....</u>	<u>68</u>
ESCORRE DOR.....	70
ESPASMOS	71
EU	72
EU NÃO SEI CONTAR CARNEIROS SONOLENTOS	73
FECHE OS OLHOS E ABRA O CORAÇÃO!	74
FILOSOFIA NORDESTINA	75
FLASHES DO PASSADO	76
FLECHA MAKUNAIMÁ.....	78
FLOR E ABELHA.....	79
GAROTA DA PIPA SOLTA.....	80
GRANDE FESTA	81
GUARULHOS	86
HOMENAGEM AO ADVOGADO.....	87
INFÉRTIL.....	88

IN-FINITUDES.....	89
INTIME-SE.....	90
LISTA DE DESEJOS	92
“LIVEPARAFRASEANDO”	93
LUA	95
LUTA DE UMA REFÉM.....	97
MADE IN CHINA	98
MADRIGAL.....	99
MEU MUNDO	100
NA CAVERNA SE APRISIONASSE	101
“NA COLÔNIA PENAL”: REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS	102
NÃO MAIS.....	105
<u>NEM TUDO TEM PREÇO</u>	<u>107</u>
NOTA TELEGRÁFICA 4	108
NOTA TELEGRÁFICA 5	109
NOTA TELEGRÁFICA 6	110
NOTA TELEGRÁFICA 7	111
NOTAS SOBRE O RIO	112
NU DE EMPINADA CORROSIVA.....	114
O ADVOGADO COM RELIGIÃO	116
O AMOR.....	118
O CONTRASTE	119
O JÚRI E O DIREITO PENAL DA OPRESSÃO	120
O LIMITE É O PRÓPRIO CORPO	122
O OVO BRILHAVA NO PRATO.....	123
OS INFLUENCERS SAEM DO ARMÁRIO: O QUE ISTO PODE SIGNIFICAR SOBRE A OPINIÃO PÚBLICA?	124
PARTÍCULA	128
POR QUE TODAS AS CARTAS DE AMOR SÃO RIDÍCULAS?	130
PRECONCEITO.....	133
“PROPUGNADORES DE MUNDOS”	134

QUARENTENA	135
QUE SEJA FLOR	136
QUEM SABE DE TI?	137
REMOTO CONTROLE	139
RETROGOSTO	142
SOBRE O TEMPO	143
SINESTESIA	144
UM POUCO DE SARTRE	145
MERGULHO MACHADIANO.....	146
SE...	147
SEM FRONTEIRAS.....	148
SEQUESTRARAM NOSSOS DEUSES... ..	149
SOB A LUZ DOS ASTROS.....	150
SOBRE A LIBERDADE EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL. ..	151
SOBRE PERTENCIMENTO E PANDEMIA	152
SUBSTRATO DO EU	153
SURPREENDA-ME.....	155
TE AMO DO MEU JEITINHO	156
TÉDIO	157
TENTATIVA DE POEMA.....	158
THELMA ASSIS: PARA NÃO ESQUECER(MOS) SEU NOME E SOBRENOME	159
TODA	163
UM CONVITE À REFLEXÃO	164
VALE-AMOR	165
VEIAS ABERTAS	166
VIOLINO.....	168
VIVER EM PAZ	170

APRESENTAÇÃO

Os poemas publicados por autores de diferentes áreas na coluna “Direito e Arte” do site Empório do Direito, durante os anos de 2018 a 2020, encontram-se cronologicamente reunidos em quatro livros, cuja sequência de títulos coloca em jogo os termos Poesia e Direito: “Pelo Direito da Poesia!”; “Pela Poesia do Direito!”; “Pela Poesia no Direito!”; e “Pelo Direito na Poesia!”. Mas afinal, onde reside a poesia? Como encontrar o endereço de sua mágica morada?

Percorrendo o mapa interno dos quatro volumes, o leitor se depara com a vizinhança entre duas formas de arte – poemas e fotografias – que se associam (conforme seleção da organizadora Taysa Matos) em torno da poesia, essa habitante de diversas moradas. O poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz, em um dos capítulos do seu livro “O Arco e a Lira”, obra teórica de forte viés poético, afirma que “uma tela, uma escultura, uma dança são, a seu modo, poemas. E esse modo não é muito diferente ao do poema feito de palavras. A diversidade de artes não impede sua unidade”. A poesia mostra não ter residência fixa, antes transita por diferentes campos da arte e da vida, expressando-se por meio de diferentes signos: da móvel arquitetura das palavras aos diversos ângulos da fotografia; da tela pintada à contemplação de uma paisagem; do eu lírico ao eu social; das narrativas da ficção às narrativas da história; do privado mundo interior ao público espaço das relações humanas. Afinal, voltando aos sábios ensinamentos de Octávio Paz: “paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesias sem ser poemas”.

E o que torna arte e vida acontecimentos poéticos? Para o teórico russo Victor Chklovski, a imagem poética é uma forma de intensificação dos nossos sentidos, que automatizados pelo cotidiano não conseguem perceber a singularização presente em nosso entorno. Assim, a experiência poética nos apresenta o mundo como se o víssemos pela primeira vez. A poesia nos proporciona, então, a oportunidade de um olhar sempre inaugural, um olhar deslocado, que abandona as amarras de um significado preestabelecido para ingressar na abertura

dos sentidos, vivenciando as múltiplas camadas do signo poético, sua densidade, a errância de seus diversos fios, sua possibilidade de colocar as várias linguagens da arte e da vida em constante transformação – mágicas e nômade moradas.

Exercício do olhar e do sentir, a poesia é simultaneamente expressão e percepção. Reside simultaneamente naquele que se dedica ao fazer poético, intensificando uma experiência de linguagem, e naquele que a percebe em sentimentos preexistentes, revelados enfim pelo contato com a experiência poética. O endereço ideal para a poesia estaria nessa esquina entre a obra oferecida e a sensibilidade de quem a acolhe. Encontro surpreendente que faz a voz de um ressoar no peito do outro, reverberando em outras tantas possibilidades do fazer poético.

Esta apresentação é um convite para uma visita aos múltiplos cômodos dessa morada em quatro volumes, a fim de vivenciarmos juntos a experiência do poético, residente em cada um de nós e que nos torna humanos.

Marisa Aurea de Sá Falcão

PELA POESIA NO DIREITO

Ah, o Direito precisa da Poesia. Que coisa árida a lei dos homens sem a vertigem das palavras certas. Sem a linguagem que acaricia e transtorna um decreto, uma sentença, um fim abrupto a qualquer esperança. De nada vale esmiuçar filosofias, fundamentar a consciência, se lá do fundo das certezas as palavras certas se esconderem. De onde se expressará o direito mais puro se a poesia negar seu socorro, sua justiça cristalina?

Nestas páginas há cinquenta poetas, cronistas, observadores da vida que cederam suas palavras para compor um fundo a imagens poderosas: as que Taysa Matos capta com um olhar de detalhes, fazendo fotografias com o peso de leis novas criadas a cada ângulo. Cenas de rua, cenas do lar, do mar, do mundo que conheceu e se apaixonou, recortando com emoção o recado de todas as artes. Arquitetura, natureza, criaturas cotidianas, afazeres, profissões, fartura e miséria. Joga com a luz, assim como a poesia e o direito jogam com as sombras. Tudo se mistura e devolve uma dimensão plena.

Uma imagem vale mais do que mil palavras. Confúcio disse, há dois mil e quinhentos anos, nas lições que nos deixou. Virou lugar-comum a frase, fuga da importância de instantes, amores, dores, vidas flagradas. Sei, como jornalista e editora (escolha que fiz por 45 anos) a alegria de ter nas mãos uma perfeita imagem para estampar numa primeira página. Ao fotógrafo que me trouxesse o fato com a arte de um olhar, resumo de mil palavras, eu agradecia e reverenciava. Ainda hoje, quando nosso viver se estampa nas redes sociais, são as figurinhas captadas no cotidiano que chamam a atenção de pessoas escondidas atrás de seus celulares, escudos desta nova civilização.

E como será que o futuro chamará esses tempos estranhos de agora, que passam por nós? Esses meses de incerteza que parecem anos, separam mãos e corpos, pregam nos nossos ânimos recolhidos a marca 2020, o ano da pandemia que todos sabem existir. No entanto é preciso emergir, beleza é cura, arte é reação, testemunho, reza, a voz do outro, ali atrás de uma máscara, tal como o Direito às vezes se arroga:

disfarçado de verdade, protegendo sua inércia, desprezando a Poesia.

Esta a importância deste livro, que faz parte de um quarteto, nascido pelo signo da Imagem. Taysa Matos arrebanhou duas centenas de outros artistas e fez uma mistura de sensações, símbolos, ardências. Vozes de um tempo que não já cabem nos dias atuais. “Pela Poesia no Direito” é o que todos clamamos, pois que a liberdade nos foi ceifada como um repentino corte nos planos, nos projetos, na descendência. Somos nesse 2020 tubos de ensaio de formas novas de existir. Mudará o Direito? Mudarão os humanos, nanopartículas de um universo imenso, o qual apenas os olhos dos artistas alcançam?

Um trabalho imenso. Seleção, impressão, revisão, tira, põe, reserva, corta, acrescenta. Mais brilho, mais cor, mais luz! E nem chegamos aos pés de Goethe. Mas chegou Taysa Matos até aqui. Com uma saudade imensa do mundo, como confessa nas vestes professorais de uma foto em que se adorna como um diploma. Isto somos, nestas páginas escolhidas: a melhor versão de nós mesmos, reservados para os que nos quiserem olhar.

Este livro foi gerado em ano de tristeza e expectativa. É um triunfo da Poesia, das boas palavras que refletem o bater dos corações deste lado do mundo. É um triunfo do Direito, aquele que reclamamos no tribunal da vida. Devolvam nossos sonhos, prometemos não voar às cegas como os morcegos nem rastejar sorrateiros como serpentes. Somos nosso pior vírus, conhecemos também o melhor antídoto. Em tempo de vida parada por fora e ardente por dentro, dizemos às vozes e imagens aqui reunidas, como uma prece fervorosa: Bem-vindas!

Marilena Wolf de Mello Braga é jornalista e escritora. Autora de “Mar Abissal”, Poemas de Sátira Política em Um País que Naufraga. 2016, Editora Instituto Memória. Organizadora e autora em “As Herdeiras de Lilith”, 2014, Editora Instituto Memória. Está presente em 23 obras entre ensaios, entrevistas, depoimentos, crônicas, poemas e contos.

VERMELHO

No deserto tudo é sequidão.
Até as cores são neutralizadas pela areia escaldante.
Da terra batida e sem brilho, esfarelada pelo sol, à atmosfera ríspida,
só o vermelho é imensidão.
Ele queima como o sol, devora os espaços, preenche as brechas, domina o ambiente e retira a vida.
O vermelho tem nele a cor do sangue que traz vida e morte.
Ele expõe e desafia o sentir e o resistir.
Faz do deserto um lugar de enfrentamento...
De desproporcional alternância entre frio e calor.
Seu reflexo espelhado nas ondas ardentes faz do deserto uma travessia árdua, com dores e densas névoas...
O Deserto é o medo com a vontade de ter coragem.
É a tempestade...o solo rachado...o entardecer!
Deserto é lugar de escuta, preparação, libertação e dificuldades...é solidão!
Silêncio!
Deserto é lugar de verdades...de resistência!
De limitar a imensidão do vermelho resistindo ao insano deserto.
Deserto é a (im)possibilidade do temer sobreviver.
É o vermelho queimando e dominando a dimensão do existir.
É o persistir!
Mas, é da consistência do vermelho que rege o deserto que brota o verde da esperança...
Que nasce a dádiva de ser e prosseguir...de existir!
É da fonte do solo fértil que emana a água, a vida e a esperança...
É no verde que a alma descansa...
É no transpassar que se floresce na aridez do vermelho deserto...
É no sentir e imaginar...do confiar no amanhecer!
É no nascer e resistir que o vermelho se esvai e o deserto se desfaz!

Taysa Matos

A ANGÚSTIA DO PORVIR

Se Deus existe !? Eu não sei!

Não faço questão de pensar no provir, prefiro a intensidade de viver o hoje a me afundar na angústia e na incerteza de tentar adivinhar o que será do amanhã.

De onde viemos e para onde iremos é uma questão muito pequena quando temos uma vida inteira para amar, sorrir, chorar e o melhor de tudo: viver!

Jefferson de Carvalho Gomes

A COVID-19 E A POESIA: ENFRENTANDO A PANDEMIA COM TONS E SOBRETONS POÉTICOS

Em decorrência do corrente estágio evolutivo epidemiológico da COVID-19 (Sars-CoV-2), em Pernambuco, a ideia do “fique em casa” (a qual, vale mencionar, foi difundida mundo à fora, tornando-se, inclusive, lema no combate a COVID-19) tornou-se mais do que sugestiva: é uma ordem.

Vivemos um momento atípico, sem precedentes, em que, ficar em casa significa mais do que apenas buscar o conforto e o refrigério das energias que o lar pode nos oferecer. (Mas, não é errado pensar o contrário, dado que fomos ensinados, com o passar dos anos, a utilizar, única e exclusivamente, a casa como local de descanso por excelência). Significa, além do mais, e a bem da verdade (e da saúde), cuidar da saúde, nossa e daqueles que convivem conosco – um dever coletivo (e não apenas individual) em prol da humanidade.

Os impactos do COVID-19 deságuam em todas as esferas da sociedade (pernambucana), sobremaneira, e a princípio, na esfera do convívio social, onde o psicológico parece padecer mais (quando não se recorre, por ausência de escolha, ao mundo-web), em face da calamidade pública que nos aflige.

Pouco a pouco, os momentos sociais-presenciais tornaram-se apenas memórias, e é a saudade que fica: a (saudade) de receber os familiares, colegas, amigos, em casa, para um café ou uma conversa (algo que, pouco a pouco, foi sendo “suprida” pelas chamadas de vídeos e as ‘lives’ em redes sociais); a de visitar locais de lazer (como *Shoppings*, clubes sociais, bares, restaurantes, lanchonetes, praia e afins); a de frequentar escolas, faculdades/universidades, ou, quem sabe, o próprio local de trabalho; a de viajar Estado e/ou mundo à fora; a sau-

dade da liberdade: de ser livre para ir e vir, sem maiores riscos (à saúde, inclusive), salvo o de ser feliz – se bem que, pela felicidade, vale(ria) a pena correr o risco.

Nessa crise, padrões de comportamento e hábitos que antes pareciam tão presentes em nossa rotina tendem – e é normal que assim ocorra – a mudar e/ou adaptar-se ao “Novo Normal” que, muito resumidamente, remete à uma vida sujeita a uma série de leis, recomendações, orientações e, sobretudo, protocolos de saúde, elaborados por profissionais e especialistas da saúde e aplicados à sociedade, como forma de reduzir e/ou prevenir os impactos do vírus; realidade que, a cada dia, insere-nos numa vida cada vez mais digital ou remota, *online*, e menos física ou presencial.

Alguns desses padrões já são visíveis, nos mais diversos âmbitos de nossa sociedade, e a tecnologia os acompanham a todo instante.

No âmbito social-comunicacional, as chamadas de áudio e vídeo, as quais tornaram-se senão um dos principais meios para se comunicar com as pessoas. Seja em grupo ou em conversas individuais, tais mecanismos tem se mostrado uma alternativa bastante válida e tecnológica em meio a essa pandemia: hoje, graças aos avanços tecnológicos podemos, se possível, nos comunicar com as pessoas, respeitando o distanciamento ou isolamento social e a quarentena – porquanto evitando o contato físico e se prevenindo do vírus.

No âmbito econômico, as empresas precisaram agregar novas funcionalidades, para incluir e alinhar as suas equipes, sem prejuízo de treiná-las para o “Novo Normal”; além de implementar novas ferramentas (como o “e-commerce”) e instrumentos, a fim de manter e/ou alavancar a produtividade durante o trabalho.

No campo educacional, as instituições educacionais (escolas, faculdades, universidades), atendendo às exigências ministeriais, suspenderam as aulas presenciais, substituindo-as pelas aulas “em meio digital”. De sorte que os educadores, professores, tiveram que se “reinventar” para lecionar suas aulas à distância, evitando o contato físico e direto com os seus respectivos alunos.

D’outro lado, e a despeito do distanciamento ou isolamento social e da quarentena, a poesia parece ter interpenetrado a vida das

pessoas e ter se tornado um grande aliado no combate da COVID-19.

Ora, se tais medidas afastam-nos uns dos outros, por que não recorrer a outras formas de lidar com elas? Há quem pratique exercícios físicos ou algum esporte. Outros preferem descansar o corpo e a mente. Há quem prefira exercitar a leitura. Verdade é que cada um encontra sua própria forma de lidar com tudo isso, e não há nada de errado em fazê-lo “à nossa maneira”.

Talvez seja isso o que a capelã e professora aposentada de Madison, Catherine O’Meara, que, com devida vênua a outros escritores, já se pode chamar de poetisa, escreveu em seu poema intitulado “In The Time of Pandemic” (em português: “No Tempo da Pandemia”), publicado no blog de língua inglesa “The Daily Round”. (Esse poema, o qual merece ser divulgado, foi interpretado, “em tempo de pandemia”, pelo ator brasileiro, Antônio Fagundes, em seu perfil do Instagram”).

Em tons e sobretons poéticos e com toda delicadeza e sutileza de uma arista em potencial, Catherine retratou o momento pelo qual estamos passando, atribuindo-lhe outro sentido que não o meramente doentio que tanto é divulgado mundo à fora. De forma que, por meio dele, é possível fazer uma reflexão: ainda que estejamos reféns à pandemia, podemos (ou, quem sabe, poderíamos) respirar outros ares, quem sabe “fazer arte”, como sugeriu O’Meara.

Tal como as demais atividades do dia-a-dia, ler, escrever ou ouvir, poesias, é uma forma de preservar a saúde física e mental. Há, sim, pessoas que desfrutam das poesias e as utilizam para agradar outrem. Um remédio para além do comum e para além da linguagem.

Como uma mágica – l’a poesie est magie pure et inspirant –, os poemas conseguem transcender o chamado “mundo real”, em verdade, é esse o principal desafio enfrentado por quem o escreve, a cada linha que escreve, onde tudo pode acontecer, a depender de quem o escreve e, claro, de quem o lê.

Cada poeta ou poetisa tem, por excelência, seu tom e sobretom, que é transmitido em seus poemas, através das estrofes, rimas e métricas, no seu modo de enxergar o mundo à fora. Uns (umas) falam de amor e de como é difícil amar. Outros (as) ousam falar da vida e de suas experiências. Há aqueles que ousam falar da felicidade – *felicida-*

de, que é isto? Há aqueles que falam da tristeza – mas, nem toda tristeza é triste, e nem toda felicidade é feliz. À sua maneira, sensibilizam, emocionam e tocam as demais pessoas, comunicando-se por uma linguagem para além de nosso mundo: a poesia – a poesia, com a sua beleza singular, seduz a alma, e alimenta-a com seus encantos.

Talvez por isso o artista e poeta brasileiro, Manuel Bandeira, teve tanta dificuldade para defini-la, restringindo-se a tão somente senti-la. Dizia ele, em breves palavras, que, de sua experiência, desde os dez anos, compondo versos, e sentindo a poesia passar por mim como uma corrente elétrica e afluir aos meus olhos sob a forma de misteriosas lágrimas de alegria”, definir o que era poesia era a sua maior dificuldade – *La poésie est dans la rue, La poésie est dans la ruelle, La poésie est dans l'âme...*

A pandemia fomentou, em maior ou menor grau, a busca pela poesia. É possível arriscar dizer o “porquê”. A Poesia e a COVID-19 dialogam, em cantorias diferentes, nos sistemas sociais, como uma melodia atravessada e assinalada, a todo instante, por contínuos movimentos harmônicos, de diversidades sonoras crescentes da comunidade e de crescentes tendências de reconhecimento singular e plural. “A Poesia está viva” – e quem sabe ela não esteja dentro de nós apenas esperando um momento para se libertar? – e pode, talvez, ser a nossa cura...

Renan Francelino da Silva

A DANÇA DO VENTO

Havia alguma coisa há mais ali
Além de rastros e pegadas
O vento que soprava
Dizendo não há mais ninguém aqui
É possível ver alguém
Enxergar além
Prestem atenção
Nos sinais que vêm
Somos os vestígios
Do que fizemos dos fatos
Somos nossos atos que permanecem
Nos gestos de delicadeza
De um coração que com firmeza
Transparece a confirmação
Da coragem a palavra
Vem chegando
A hora marcada
Do degrau à escada
É essa estrada da vida
Vencer o sentido da lida
Até aqui somos caminhos
Com o vento a dançar
Do que dirá
Do lado de cá
De quem virá
Do outro lado de lá
Do além acontecendo
Lembrar-me-ei dessa dança
Com o acontecimento pela vida afora

POETA ALI AGORA – Ualy Castro Matos

A DELÍCIA DE SI

A vida chega em um ponto que procuramos por tantas perfeições que parece que esquecemos o quão imperfeitos somos.

Choramos escondidos por medo de demonstrar uma “fraqueza”, mas afinal, quem é fraco? O que deixa de mostrar quem ele verdadeiramente é ou aquele que de tão real se escancara e mostra todas as faces?

Passamos a vida tentando ser de aço e parecemos esquecer que até o aço derrete, assim como nós nos derretemos nos braços de alguém quando estamos apaixonados ou até quando nos debulhamos em lágrimas de alegria e também de sofrimento.

Temos medo de falhar e temos medo do ato falho, porque sempre achamos que somos o *Übermensch* e esquecemos que somos feitos de carne, osso, sentimentos e angústias.

E a partir daí deixamos de viver, porque quando se deixar de viver para si e se passar a viver para agradar somente aos outros, numa espécie de adequação à moral coletiva, certamente está decretada a morte do Eu.

“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”, disse o poeta. Provavelmente o disse porque o vazio do existencial de alguém que simplesmente não se abre e nunca sente a delícia de si, só comprova que aquele alguém nunca será feliz sozinho.

Mas afinal, é impossível ser feliz sozinho!? Não saberia responder talvez uma das perguntas mais complexas da humanidade, mas só sei independente de ser feliz sozinho ou acompanhado de quem quer que seja, é impossível ser feliz sem ter certeza de ao menos saber quem és.

Jefferson de Carvalho Gomes

A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE

Todo mundo fala que o Brasil está em crise e que a situação está difícil. Realmente, temos muitos problemas por aqui. Mas temos que enfrentá-los. Reclamar não resolve. Se valesse alguma coisa reclamar, muita coisa já teria mudado, pois fazemos isso muito bem.

Mas o que pensar e o que fazer? Ir embora do país? Muitos escolhem essa opção. Não podemos deixar de dar razão, já que é fato que em alguns outros países são possíveis obter maiores oportunidades de estudo e de uma boa carreira, muito embora não seja tão fácil assim, como alguns pensam.

A verdade é que uma boa educação faz a diferença em qualquer país. No entanto, no Brasil, a maioria das pessoas não pode contar com boas escolas. Falta investimento. Os professores ganham mal.

Insisto nessa questão, pois sei que é impossível crescimento, sem uma boa educação.

O conhecido filósofo prussiano, Immanuel Kant, já dizia que: “É no problema da educação que assenta o grande segredo do aperfeiçoamento da humanidade.”

Certamente temos outros problemas que também são prioridades, tais como a saúde, a economia, a moradia. Porém, sem educação, não conseguiremos enfrentar os demais problemas.

A educação deve ser repensada em tempos de crise. Está ela fundada numa grade escolar de qualidade, atrelada ao estímulo do pensamento criativo e da saúde emocional? Os alunos têm tido a oportunidade de se tornarem formadores de opinião, de exercerem a arte da dúvida e de estudarem a gestão da emoção? Os alunos sabem lidar emocionalmente com os próprios problemas e com os problemas da sociedade?

Se as respostas forem negativas, algo está muito errado e deve ser

corrigido com urgência.

Não podemos deixar de fazer aqui uma observação importante: a educação começa em casa. Os pais devem cumprir o seu papel. Daí a necessidade de uma política de conscientização. Os pais são modelos para os filhos. Os exemplos contam mais do que palavras.

Os jovens são o futuro da Nação. Precisamos cuidar de nossos jovens.

Concordo com o psiquiatra e psicoterapeuta suíço, Carl Jung, quando disse que: “Só em nós mesmos podemos mudar alguma coisa, nos outros é uma tarefa quase impossível.” E também acredito que, verdadeiros líderes não usam a força ou a imposição, mas o respeito e a influência. Nesse caso, bons educadores podem ajudar a trazer clareza, a combater os medos, a pensar como humanidade.

A partir daí, os educandos poderão por si mesmos, tomar as decisões que julgarem adequadas, visando o bem-estar individual e coletivo.

Ninguém sabe sobre o dia de amanhã. Por isso, não podemos deixar de refletir sobre o fato de que, a garantia de empregabilidade depende da capacidade de reinventar-se.

E para reinventar-se é preciso estimular a criatividade, inovar-se, superar-se e adaptar-se, com inteligência emocional.

Promover a educação “socioemocional” nos dias de hoje é uma questão de necessidade. Importante esclarecer que, as habilidades socioemocionais são um conjunto de aptidões desenvolvidas a partir da Inteligência Emocional de cada uma das pessoas. Tais habilidades apontam para a relação consigo mesmo (intrapessoal) e da relação com outras pessoas (interpessoal).

Em tempos de crise, sobrevivem os que conseguem realizar essa façanha. E para realizar essa façanha, o papel de uma boa educação, incluindo conhecimentos gerais, humanização e inteligência emocional, é fundamental.

Bianca Rosenthal

A LINGUAGEM DA NOITE

Eis o escuro do céu que nos ilumina,
Palco das estrelas que nos guia.
Lua lustre que acende a luz do firmamento.
Noite que no silêncio derrama sentimentos.
Ao escurecer,
Os olhares apaixonados se voltam atônitos às estrelas em busca de respostas.
Ou até mesmo arriscando algumas apostas.
Benquerer ou malquerer.
Luz do luar,
Lá do alto a nos olhar em algum lugar.
A linguagem da luz vem da escuridão.
É preciso silêncio em meio a essa vastidão,
Para escutar a voz que não fala,
A voz do coração.

Aicha Eroud

A MERDA DA INJUSTIÇA

A injustiça é pior que a merda
Essa ainda pode ser útil
A um laboratório
A um médico cauteloso
A uma mãe que busca o verme

A injustiça é pior que a merda
Pode não feder
Mas o nojo é maior
Todos sentem repulsa
Menos o tirano que dela frui

A injustiça é pior que a merda
Ao inimigo se pode lançar o excremento
Já a outra
Nunca pode ser simplesmente devolvida
Quem reembolsa?
O tempo de uma prisão indevida?
A vida na rua
Enquanto o capital especula?

A injustiça é pior que a merda
Que merda é a injustiça!

Eduardo Newton

A MORTE

Como é traiçoeira esta tal de morte,

Chega assim sorrateira e arrebatada nosso coração arrancando por vezes as pessoas que amamos.

Chega as vezes para nos mostrar que, assim como diz a música, deveríamos ter amado mais, chorado mais, talvez nos encontrado mais...

Chega para deixar um vazio enorme na vida de quem fica, deixa uma saudade que por vezes dói, dói demais.

Tememos a morte porque ela em verdade é uma conhecida bem desconhecida. Desconhecida porque vez ou outra ela faz questão de se fazer presente nas nossas vidas, ceifando a vida de alguém, que contraditória é esta tal de morte!

De tão contraditória que é, ela vem por vezes e nos leva, logo nós que amamos tanto viver, terminamos lutando tanto para não morrer..

Jefferson de Carvalho Gomes

A MORTE ANUNCIADA

Já morri de amor,
Já morri de dor,
Já morri de tédio,
E já morri de medo,
Medo de morrer sem dizer tudo que sinto,
Medo de morrer de tédio,
Medo de morrer sem dizer que amo,
Medo de morrer sem lutar,
Hoje me sobra morrer de medo de morrer,
Pois tem um vírus lá fora que insiste em me dizer que a qualquer hora
eu posso morrer,
Só o Presidente não vê...

Jefferson de Carvalho Gomes

A MÚSICA E A VIDA

A música para quem toca é como a palavra para quem escreve. O som agradável das notas musicais dá o tom, conforta, toca a alma.

Dada à importância, desde a infância, aprende-se o dó-ré-mi. Lembro-me como achava doce e fazia-me sorrir.

Gosto de fazer alguns paralelos e usar algumas metáforas para discorrer sobre o comportamento, a sociedade, a vida, o trabalho, entre outros assuntos.

Hoje, quero fazer uma reflexão sobre a música e a vida.

Dias atrás ouvi uma mãe dizer para um filho adolescente, que estava ouvindo um rock pesado: nossa! Essas pessoas parecem irritadas. O filho respondeu: e estão mesmo! A mãe perguntou: com o quê? E o filho respondeu: com tudo, com a vida!

Não tenho nada contra o rock, até aprecio se for dos bons, mas a questão aqui é: cantando (ou gritando no caso) sobre os sentimentos.

Muitas pessoas vivem aborrecidas, reclamam e se revoltam. Mas essa postura não resolve os problemas.

Penso que se a vida está difícil e se o barulho é demais, talvez seja a hora de mudar a música.

Uma boa música aflora a sensibilidade, suaviza a hostilidade. Assim é a vida. Temos que ajustar os compassos, deixar a leveza transparecer.

Imagine uma bela canção que te leva a outro mundo ou outra dimensão, cheios de encantos e magia. Deixe-se tomar pela emoção, por sentimentos bons que contagiam.

Aprendi que os pensamentos geram sentimentos. Que seus pensamentos sejam bons. Pense coisas boas enquanto a música toca.

Um bom músico consegue tocar os corações das pessoas. Mexer com seus sentimentos. Eles estudam, treinam e depositam nas notas musicais aquilo que carregam consigo e querem extravasar.

As notas musicais vão ganhando vida que irradia e muitas vezes fazem arrepiar.

Assim como a música, nosso comportamento também contagia as pessoas que estão ao nosso redor. É certo que até a música tem tempos e contratempos. Temos momentos bons e maus na vida, felizes e tristes.

Porém, temos que considerar que somos nós que devemos dar ritmo à música de nossas vidas, assim como o pianista faz ao tocar o piano e o violinista ao tocar seu violão ou violino.

E, para darmos um ritmo agradável e fazer a vida valer a pena, faz-se primordial ser gestor de nosso próprio “eu”. Conseguiremos isso se aprendermos a lidar com nossos próprios fantasmas, medos e fobias, ou seja, utilizando ferramentas de gestão de emoção, enfrentando os problemas de cada dia, e não se preocupando demais com o futuro, a não ser para fins de planejamento.

Levar a vida com bom humor também ajuda. Nesse aspecto, procure ouvir músicas alegres, dance. Comigo dá certo. Se não gosta de dançar e é um tipo de pessoa mais irritadiça, talvez seja bom ouvir músicas calmas para relaxar.

E como é bom elogiar e ser elogiado. Experimente mais disso. Também é música para os ouvidos, alegre o dia e incentiva.

Enfim, dê você mesmo um ritmo agradável à sua vida. Escolha a música que deve tocar e não permita que ninguém o faça por você.

Bianca Rosenthal

A OUTRA MENTE

A mente cria a si mesma,
A partir da percepção do eu,
Do outro e do mundo.
É uma construção sem fim.
Sempre haverá algo inacabado,
Que, em nós, está por fazer.
À medida que se compõe,
Somos compostos por ela.
É quem sabe, antes, o que vem primeiro.
Ela mente antes de admitir qualquer verdade.
É o alongar-se, de maior relevância,
Entre os indivíduos e suas finitudes.
Há quem diga
Que tem que ser encarada
Como inimiga.
Já o cérebro, esse não pensa
Sem corpo que o sustente.
Configura-se como uma junção brilhante
De suportes físico-químicos
Que possibilitam tal estrutura,
A magnífica usina da mente.
A verdadeira produtora
De pensamentos e sentimentos.
Esses só são possíveis
Porque existiram primeiro
No espaço tempo,
Dentro do acontecimento.
Como é bom saber disto:
Sem nos preocuparmos
desnecessariamente

Com o eu, o outro e o mundo,
Somos os potenciais transformadores,
Quando aceitamos, dispostos,
A mudança da mente.

Ualy Castro Matos

A PAIXÃO PELO DIREITO

A paixão pelo Direito antecede a minha compreensão
Porque desde de muito pequenininha afirmava essa paixão
Talvez a compreensão e a paixão tenham nascido juntas
Mas também pode ser que não.

Sempre entendi que Direito, Justiça e força de lei se juntavam com
imparcial exatidão
Para assegurar que todo mundo fosse tratado como irmão.
Foi aí que eu senti que as vezes faltava compaixão
Caminhando por entre a vastidão
Doutrina, Súmula, Acórdão, Decisão
Vi que tudo sempre esteve ali ditado em nossa Constituição
Mas estudando e sempre lendo, notei que às palavras faltava ação.

A Justiça sem força é impotente
A força sem justiça é inclemente
O Direito é para atender a gente
Que deseja ser feliz primeiramente.

Ao povo enquanto legitimador do Estado
Falta ser empossado
E ter seu reconhecimento moral legalizado
Já que boa parte dos seus se vê marginalizado.

A necessidade é sempre gritante
Para que as teorias e leis nos sejam o bastante
Mas no exercício isso se vê obstante.

E foi aí que o destino agiu
E mais uma vez duas paixões uniu
O Direito como um sonho infantil
E a literatura que de minha mãe para mim sempre fluiu.
Vi então

Um caminho repleto de fascinação
Onde o outro faz sempre morada em todo coração
Uma humanidade através da transformação
A hospitalidade da escuta que encontra a multidão
E no Direito “e” Literatura tive as asas que eu queria para seguir;
O melhor pro outro que motivava o meu agir
Como quem atua no Direito e almeja sempre prosseguir
De uma coletividade que junto é capaz de florir.

O Direito carece da Literatura
Para além da leitura, moldar nossa aura de candura
Para ensinar ao brincar com as palavras
a capacidade de estar no outro também pelas apalavras

Ressignificar e, nos fazer seres tolerantes
Que se abraçam, sabendo se errantes
Porque é nessa vulnerabilidade que nos fazemos semelhantes.

Que a arte nos aponte uma resposta,
E que a humanidade em nós seja sempre sinônimo da cura
Para que dessa ação oposta
Nos contaminemos de amor e ternura.

Aline Venutto

A PALAVRA

A gente tinha um nome pra essa coisa que apertava o peito e fazia doer os olhos até a lágrima cair. Dizia-se na aldeia que era uma palavra esquisita, mas que pronunciá-la de um certo modo até aliviava um bocadinho a dor. Então a gente aprendia, desde miudinho, a dizer. Depois a gente crescia, cada dia um pouquinho, e essa coisa ficava cada vez mais apertada contra as paredes do peito, não cabendo mais em si, nem em mim, nem em ti, e a gente ia perdendo, sem querer, a vontade de dizer... Até que a lembrança dessa coisa que apertava o peito desaparecia por inteiro do pensamento, e a gente ia vivendo como se nunca tivesse sentido, como se nunca tivesse pronunciado aquela palavra esquisita...

Às vezes até que a lembrança voltava, meio sorrateira, toda clandestina, fazendo a gente espreitar devagarinho por entre as frestas, pra espiar aquela coisa que nos deixava em completo desatino...

Às vezes essa coisa, que apertava o peito e fazia doer os olhos até a lágrima cair, acontecia de aparecer na hora em que a gente não tinha como escapar de sentir – bem na hora da viagem sem volta de alguém que resolvia partir lá pros confins dos céus onde criança nenhuma conseguia alcançar com a mão – o braço era curto, a mão pequena... só a vontade era comprida – e nem adiantava subir no banquinho – não havia jeito de tocar na ponta do céu e implorar pros anjos devolverem aquele alguém importante que tinha deixado todo mundo aqui embaixo ‘a ver navios’ (ou melhor, ‘a ver aviões’, já que tinha ido pro céu...)

Outras vezes essa coisa comprimia o peito de um jeito tão estranho, que era como se um paraíso inteiro houvesse de ser expulso de solavanco do mundo pra dar lugar a algum respiro profundo, pois se não fosse o respiro, nem a coisa suportaria comprimir o peito daquele jeito de doer os olhos até a lágrima cair... Nessas horas era porque viera morar por dentro, junto da coisa e do peito, aquele sentimento tão bobo e tão louco, que fazia toda criança já quase gatinha grande de verdade, pela primeira vez sentir vontade de gritar de dor porque era

caso da mordida do amor – daquele jeitinho doido e doído feito uma flecha que acerta o coração e faz a gente passar ridículos de paixão...

Fora isso, poucas as vezes que essa coisa era de doer a fazer a gente lembrar da palavra esquisita de dizer... como numa despedida de avó, ou um pai indo embora solto no mundo sem hora de voltar, um filho crescido dizendo ‘tô indo’, ou um amigo querido deixando um abraço apertado como lembrança por toda uma vida sofrida...

Era bem assim – quando a palavra esquisita era dita, muito dita, repetida um bom par de vezes, até que a aldeia inteira dizia em coro a palavra esquisita, sentindo juntinha o mesmo aperto no peito a fazer doer os olhos e a lágrima cair... Era quando o milagre acontecia – pronunciar a palavra esquisita pela aldeia inteira virava uma espécie de mantra de cura da dor nos olhos e do aperto no peito – todos repartiam a dor de um – e a dor virava um pão fatiado em tantos pedaços quanto o número de pessoas da aldeia, como se cada um mastigasse um naco da dor de um, diluída em amor. A palavra esquisita vinha ao mundo pra virar amor – o amor daquele jeitinho bonito: ninguém soltava a mão de ninguém numa ciranda quase sem fim de diluir a dor até a própria dor virar ‘um ninguém’.

Porque a saudade precisava ser dita, ainda que fosse na aldeia uma palavra esquisita...

Nic Cardeal

A PASSAGEM DO COMETA AMOR

Antes de nos amarmos, nos apaixonamos.

Antes de nos apaixonarmos, nos permitimos.

Antes de nos permitirmos, nos desejamos.

Antes de nos desejarmos, nos conhecemos.

Antes mesmo de nos conhecermos, nos amamos.

Amamos tanto nessa via contrária que nos decepçionamos.

Eis o fim do tudo que tinha tudo para não ser um simples nada.

Eis o fim da nossa eterna e sonhada compartilhada morada.

Laura Cecília Fagundes

A SEMENTE DA VIDA

Quando paramos e refletimos sobre a vida,
Poucas são as vezes em que reconhecemos
Verdadeiramente a sua plenitude.

Não há vida fora da arte.

A arte faz um bem viver.
Ela foi quem plantou o universo
Dentro de cada ser.

Podemos encontrar,
Num ato de introspecção,
Aquilo que há na altiva-mente.

Somos travestidos por palavras,
À maneira dos mil e um disfarces,
Das artimanhas
De pensamentos poéticos.

Isso instalado em nosso inconsciente
Faz com que algo extraordinário
aconteça com a gente.

Instantes em que é permitido acessar
O poder da concentração, advindo das sementes,
Quando ligados no fluxo do devir.

Somos ligeiramente levados a outra dimensão:
A do universo trazido para o presente.

Então, teremos o privilégio de saber
Um pouco mais do conhecimento
Da árvore da vida,

A compreender melhor o que nos tornamos,
Até aqui e o que vem pela frente,
Aprendendo a cuidar
Da livre escolha dos pensamentos.

A mente é a semente da vida a ser vivida.

Semeie a vida contida
Na cabeça, o fruto da ideia
Que faz o dia florescer,
Dentro de cada semente,
Um novo ser.

POETA ALI AGORA – Ualy Castro Matos

A TEMPESTADE DO SER

As flores foram arrancadas pela raiz,
Por uma tempestade que tudo levou.
E o céu chorou.
E naquela imensidão do nada que ficou,
Restaram apenas chuvas de lágrimas de dor.
E o verde do campo já não era mais a mesma cor.
Os passarinhos cantavam a canção da despedida,
Ali já não havia mais a vida.
O que era brisa virou ventania.

Aicha Eroud

ACORDEI POETA

Acordei poeta,
Mesmo não sendo ouvido,
Mesmo não sendo lido,
Acordei poeta.
Que diferença faz...acordei poeta,
Sim, acordei poeta e assim dormirei,
Se nem mesmo me ouço,
Se nem mesmo um dia me lerei,
Mesmo assim acordarei poeta,
E dormirei poeta.
E minha vida não será fria, nem deserta.

Alexandre Leal

ALÉM DO CAOS

Em meio ao caos
Entre prantos e os risos
Guardei na memória
Em meio as histórias
Tudo o que nos faz seguir
Entre a angústia e a ousadia
De nos reiventarmos dia após dia
Em decorrência do fardo
De tudo o que tem circundado o mundo
Absurdo não dar uma pausa
Diante das náuseas e agruras expostas
Para refletir e colocar os pensamentos
Já demasiado sedentos em paz
A alma clama
Em meio às chamas
Das adversidades
E novas mutações
Num complexo quase delirante
Desses seres errantes
Almejamos nos encontrar
Dentro da nossa própria escuridão e imensidão
Mas apesar da névoa de incertezas
Sem muita clareza
Seguimos na luta em prol da satisfação
Os corações escarrados
Pelas pulsões e emoções
Devem ser cuidados com cautela
O mundo não para
Esperando a nossa recomposição.

Paula Abiko

AMOR É (QUASE) TUDO

Amor é quase tudo,
mas o quase não é irrelevante
O que falta ao amor
para ser impactante?
Talvez um pouco de cuidado
Talvez um carinho inesperado
Talvez uma torcida explícita
Talvez uma entrega sem retorno

Amor é quase tudo,
mas o quase não é irrelevante
O que falta ao amor
para ser incessante?
Talvez uma dose de mistério
Talvez um suspiro no espelho
Talvez um choro em desabafo
Talvez um frio na barriga no encontro

Amor é quase tudo,
mas o quase não é irrelevante
O que falta ao amor
para ser acachapante?
Talvez um bilhete inesperado
Talvez uma surpresa no acordar
Talvez dormir agarrado
Talvez nunca parar de sonhar

Rodolfo Pamplona Filho

AMOR EM VÃO

Amar quem desconhece o significado do amor é ilusão.
Esperar ser amado por quem não deseja estar ao seu lado
É pedir para derramar lágrimas no chão.

Laura Cecília Fagundes

ANGUSTIA

A nossa angústia aumenta em proporções geométricas. A cada índice, uma agonia. Entre mortos e suspeitos, caminho perdido, mas nutrimos esperanças.

A onda pessimista me deixa angustiado, sem rumo e descrente das decisões. Mesmo assim, vejo um clarão de luzes e me seguro no fio de otimismo que ainda me resta.

Entre infectados e mortos há a luta entre a vida ferida e a morte concreta. Para ter certeza, é preciso viver o passado e o presente para se ver no futuro.

Exponencialmente falando, queremos ver as soluções, que estão esparças, isoladas por todos os lados deste planeta. A matemática não traz respostas, problematiza cada vez mais e a ciência muito menos.

No tempo presente, em progressão geométrica, os problemas se avolumam. Exponencialmente falando, seremos afetados.

Gustavo Medeiros

ARMA

O trabalho é um andar contínuo.

O amor é algo próprio a compartilhar.

Deus é algo como a natureza e na passagem devemos ser firmes.

Quando se avista o novo tempo todas as armadilhas são desativadas.

Quando a arapuca está desarmada ela não é mais armadilha.

A minha vida é do povo que quer.

Quem não quer respeitamos e pedimos licença pois viemos para passar deixando.

Gratidão!

Publicado originalmente em 03.01.2018 em rede social Jaider Esbell.

Jaider Esbell

B-ERROS

A minha chegada aqui derrubou em parte o meu saber. O que a gente pensa saber e não sabe. Eu vi gente se esborrachar, se afastar, se confundir e enfraquecer, mas achei crescimento. E que medido é muito, muito humano. Vocês são corajosos. Eu sou fraca, não ousaria. Pra mim que observo, é fascinante essa luta tiradentiana daqueles que acabam enforcados e negados em vida até que o sacrifício seja reconhecido. Na geração de vocês, as coragens sublimam. Buscam as buscas das gerações passadas, mas taí [sic]: aprendem na carne. As pessoas se acomodam demais com os anos, o acúmulo material, o status, a rotina. E paralisam quando percebem que sozinho, ninguém, ninguém perpetua uma mudança. E quando reconhecem isso e que poucos são os que berram, elas se calam. É! os berros enrouquecem. Não produzem ecos, nem assimilam. Morrem no ar que respiramos. Somos podres, como apodrecem todas as coisas quando não são preservadas. E preservar a verdade, o discernimento, a dignidade, ainda não houve meios. As pessoas buscam no transcendental, o que, na verdade, falta é conhecimento. Conhecimento!

Escrito em 2009 para a criação do espetáculo NA PALMA DOS OLHOS – Prêmio Funarte Klauss Vianna 2009/2010. Compõe dissertação “O Caso dos Irmãos Naves: processamentos artísticos a partir de um erro jurídico” (2013) – no tópico “Um exercício de dramaturgia – memórias de Alamy”.

Eliene Rodrigues de Oliveira

BIJOUTERIA DE MIM

O dia vem chegando
na frieza da madrugada.
É tão fácil ser feliz
Onde não há
Felicidade,
Apenas olhando
o mar escuro,
de graça e tão grande.

A triste e
diferente cor
do mar
Diferente do céu
É igual a minha
Saudade.

E a pedra molhada da noite,
Molhada do mar
Chora por mim
Mas também brilha
Meu íntimo desejo.

Pedra, me faz forte
como você.
Mar,
Me faz de areia
E me desmancha com suas ondas
e sua força.
Sol,
Seca a minha
Chuva de lágrimas

E, quando a noite
Chegar
Mais uma vez,
Lua,
Me faz
Um colar
De estrelas
Para a mulher
Alegre e viva
Dentro de mim.

Nely Nazareth

BRINCANDO COM AS PALAVRAS

As palavras são muito mais
de quem as recebe
do que de quem as pronuncia,
pois o sangue da vida
flui pelas veias das palavras.
É por isso que aprendi
que minhas certezas sabem
que eu só morro de amor
pelas novas...

Rodolfo Pamplona Filho

CASTRACÃO

Perder o que me define
Desprezar a minha essência
Chorar sozinho na dor
de não ter mais a chance
de, um dia, ser feliz

Rodolfo Pamplona Filho

CLAREZA

Clareza é sempre um “posterius”:
nunca um “prius” na interpretação
Todos carregamos pré-compreensões,
algumas controláveis; outras não.

Rodolfo Pamplona Filho

CLIVAGEM

Clivagem

Gap

Fosso

Desnível

Todas são formas

de dizer

que não somos

ou não estamos

Iguais.

Rodolfo Pamplona Filho

COVID-19: UM APELO PARA A ORDEM MANTENEDORA, UM CHAMADO PARA O PROGRESSO

Quantos princípios adjutórios,
Abrigadouros de um
Estado Democrático,
Garantidor de
Direitos sociais e individuais, e
Comprometido com a
Ordem interna e internacional,
Serão abandonados para
preservar o bem-estar de uma classe?

Quantos deveres cidadãos,
Pilares de uma
Sociedade fraterna, pluralista e
sem preconceitos,
Fundada na harmonia social e
comprometida com a
solução pacífica das controvérsias,
Serão violados para
preservar o bem-estar pessoal?

Quantas garantias sociais,
Valores supremos de uma
sociedade livre e progressista,
serão subtraídas para
preservar o
bem-estar econômico?

Quantas pessoas,
Donas de seu passado,
Desbravantes de seu mundo e
Heróis de seu tempo,
Serão sacrificadas
para resguardar o
bem-estar da humanidade?

Renan F.

CREPÚSCULO

Quando
A noite chega
E se acendem
As luzes da cidade
Encontro
No crepúsculo
A sua dualidade
É a hora
Que me encontra
Vazia, nua e cansada
E voce vem
Frio e cansado
Dizer coisas cruas
Que como o sol
Que se põe
E a noite
Que vem
Me fazem
Calar
E dizer
Tudo que quero
Com meu silencio.

Nely Nazareth

DE GUAYAQUIL À MANAUS

Corpos empilhados na porta, envoltos em caixas de papelão. Selados, lacrados, enterrados indignamente, sem homenagens, nem lembranças.

Não é um cenário de guerra, nem são vítimas da violência urbana, que assola as grandes capitais. O rival que as vitimaram vem do invisível, do imperceptível.

As realidades nossas, de Guayaquil a Manaus, nos aproxima do caos, da falta e da displicência, causada pela subestimação.

São muitos corpos, muitas vidas, mas era apenas uma “gripezinha”. E foi passando os tempos, o carnaval, o verão até que a tal gripe se tornou pandemia. E tudo mudou.

O medo da dor nos paralisou.

A cada notícia chegada das UTIs, uma agonia, a de sentir dor, aquela dor que aperta e comprime os nossos pulmões.

Vemos-nos imóveis, em nossas casas, com receio da morte e da inabilidade dos nossos homens de gravata.

De Guayaquil à Manaus, hoje, a dor é a mesma: a de superlotar os hospitais e enterrar os corpos sem dignidade. Somos números diante do sistema, estatísticas que ameaçam alargar a curva de proliferação até o pico.

Nos tempos de Covid, não há diferenças acima e abaixo da Linha do Equador. A morte é a mesma para todo mundo.

Gustavo Medeiros

DESCOMPASSO

Sinto a sua falta
Como quem
Quer chegar
Mas vaga sozinho
Sem saber para onde.
Como quem nunca
Conheceu um lugar
Sinto a sua falta
Como uma mãe
Que não teve filho
Como quem nunca
Viu o mar
Mas sabe o seu cheiro
Um coração batendo
No marca passo
Passo a passo
Dia a dia
Batendo
Passo a passo
Dia a dia
No compasso
Dos meus passos

Nely Nazareth

DESOLAÇÃO

A cada dia, as partidas aumentam. São 1188 pessoas indo embora, sem despedidas. É um quadro desolador que já encontrou o seu pico em uma montanha russa de emoções.

Do medo a agonia, vou vivendo cada dia e contando os milésimos de segundo para ser livre em um “novo normal”.

Queria escrever linhas leves, palavras doces, desplumar da realidade, mas o dever social de quem escreve sob a vida e a morte é maior. Estamos caminhando sobre vidas e mais vidas.

É desolador contar, dia após dia, as despedidas que se aglomeram. Triste é perceber que poderemos perder e nos perder, desmoronar nos escombros dos valores que defendemos.

Não venho aqui cantar o amor como solução, nem mesmo a dureza da vida. Eu canto a realidade de quem fica do medo que nos aprisiona na expectativa de um amanhã melhor.

As dores passam, assim como o alívio de sobreviver aos dias de hoje. Tudo, um dia, será memória de quem terá a coragem de contar a história.

Gustavo Medeiros

DIREITO & MÚSICA - REALIDADE DISTANTE

Hoje, eu lancei minha 3ª música, e essa é especial pra mim.

Nessa música, eu ostento alegria, fartura, igualdade social, saúde, paz e mais um monte de coisa.

Daí vem o nome, isso tudo é uma realidade distante.

Mas a gente tá vivendo e sobrevivendo pra que seja uma real, em não tantos anos futuros.

Cito a cena do Rap daqui, que me sinto orgulhoso de estar fazendo parte, que é literalmente recheada de mina e mano foda. Desde Julgamento, Karô kã, Kontrast, Matéria Prima, Shabê e Dokttor Bhu, Are Zona... Até Tamara Franklin, Djonga, Douglas Din, Clara Lima, Pejota Bala, JVTPhill, Vint, Fenda, Vini Joe e taaaantos outros artistas incríveis!


Essa música fica sendo um mantra. É cantar hoje, que estamos nos sentido muito bem, muito felizes e afirmando coisas boas, pra que não seja uma realidade tão distante assim.

Muito obrigado a todos que tão curtindo, comentando e compartilhando, vamos continuar nessa pegada!

ESPERO QUE GOSTEM!”

IMANE RANE, 02 de abril de 2020

@imane.rane

 <https://www.youtube.com/watch?v=T2E8l98TM0Y&fbclid=IwAR3ysXWpzHE0ia7eMfco-EHq8RywQI78QnRGtirSbP-zr-xTvmEMGOtGLmp4>



2 x

Me sentindo muito, me sentindo muito bem,

Me sentindo muito feliz, me sentindo muito bem

Pode chamar os cria do bairro lá, fala que Imane vai fazer uma festa

Celebrar a vida e comemorar, que os irmãos não precisam pegar na peça

Reafirmar que os cara hoje come bem, dez conto por tento apos-tando no truco

Fazendo o dinheiro rodar entre os pretos, pros menor de 3 anos já ter futuro

E as branca de trança fazendo pirraça porque hoje às irmã já podem recusar

Dezenove, vinte, e tudo griot, dinheiro no bolso e história pra contar

Os cara com camisa do Mbappé, do Jesus, do Mané e do Neymar
Sensação parecida com pantera negra, de olhar pra tela e se ver lá

E no som tá tocando, só rap bom, nem precisa sair de BH, re-cheada de mina e mano foda, tipo Bruno Henrique, outro patamar

E os rap das antiga emociona, karô kã, julgamento, Are Zona
Apóstolos Mc's e Kontrast, se chorar no refrão também faz parte

A polícia não para mais aqui, os vizinhos já desistiram disso
E se caso parar a festa de novo, aqui tem quem sabe fazer feitiço

na morro os cara gosta de corrente, contraditório é a sensação de liberdade

Alguns fecham com divindade onipotente, os gato preto, sete vidas de verdade

me sentindo muito bem,

Me sentindo muito feliz, me sentindo muito bem, me sentindo muito feliz

me sentindo bem de mais, mais do que vocês pode ver

Saúde alegria e paz

Quebrada hoje tá só lazer

me sentindo bem de mais, mais do que vocês pode ver
Saúde alegria e paz
Quebrada hoje tá só lazer

Criança já até gosta do natal, num é mais desigualdade e falta
Da polícia não dá pra gostar não, genocídio negro ainda segue
em alta

Um pouco mais de samba pra tanto choro
Pra não perder a nossa essência
Choro se multiplica em saúde
Samba retrata nossa vivência

Mesa farta e todo mundo de barriga cheia
Faça um retrato, observe, uma preta ceia
A gente sempre juntos tipo uma alcateia
E a plateia nunca de cara feia

Não que esteja tudo perfeito mas aos poucos tá fluindo bem
Celebrando o nosso respeito porque ele foi conquistado também

Texto publicado originalmente em rede social no dia 02 de abril
de 2020

Fonte: https://www.instagram.com/p/B-f4ykGAC_X/

Imane Rane

DIREITO PENAL (E) A TRAGÉDIA RODRIGUEANA EM DOIS ATOS

Ato 1

Em 26 de novembro de 1929, Sylvia Sefarim ingressa na redação do jornal *crítica*, matando com um tiro o jornalista Roberto Rodrigues. Motivo: a dama estava insatisfeita com uma publicação no jornal, tratando do seu “desquite”. O jovem Nelson Rodrigues assiste ao episódio (e à posterior morte do irmão). Talvez, a partir daí, morte, intrigas, traições e os valores vigentes na sociedade de então integrariam a narrativa Rodrigueana.

O Código Penal entra em vigor, no dia 07 de dezembro de 1940. O artigo 130 do Código traz o crime de “perigo de contágio venéreo”, consistente em *“Expor alguém, por meio de relações sexuais ou qualquer ato libidinoso, a contágio de moléstia venérea, de que sabe ou deve saber que está contaminado”*

De acordo com Bitencourt¹, “(...)na época em que proliferavam os bordéis no Brasil, justificava-se a preocupação do legislador, principalmente diante da escassez de medidas preventivas para evitar a propagação de doenças venéreas”.

Ato 2

Em 1943, pouco após a entrada em vigor do Código Penal, é encenada a peça “Vestido de Noiva”, escrita por Nelson Rodrigues. No primeiro ato, a personagem principal, Alaíde, sofre um grave acidente, sendo levada, às pressas, para uma mesa de cirurgia. Inconsciente, e entre a vida e a morte, aquela não se encontra com nenhuma divindade. Ao contrário, vai parar num bordel, deparando-se com uma antiga proprietária do estabelecimento, Madame Clessi, morta por um estudante da alta sociedade, numa prática que, hoje, seria tipificada como feminicídio.

1 BITENCOURT, Cezar Roberto. **Tratado de Direito Penal**. São Paulo, Saraiva, v.2, p. 208-209.

A narrativa deixa transparecer a presença de “figurões” da sociedade carioca, que frequentavam o bordel e, acaso contraíssem doenças venéreas e contaminassem as suas esposas, sem dúvida, não seriam alcançados pelo braço da lei penal.

Dialogando com a psicanálise, a peça se desenrola alternando planos de luz e trevas, tendo como pano de fundo os dogmas da sociedade de então: o casamento. Sem querer dar o *spoiler*, mas, já dando, o enredo deixa claro que é preferível cometer um homicídio a viver de modo contrário aos valores da sociedade do século passado, dentre esses, a impossibilidade de “separar o que Deus uniu” via o dogma do casamento. É preferível a morte física à moral.

Desacordada ou, talvez, com acesso ao inconsciente, Alaíde revive as memórias de um diário encontrado no sótão da casa dos pais, diário este pertencente à Madame Clessi. E o bordel, universo criminalizado pelo Direito Penal (no plano das luzes, das instituições e valores), pôde ser vivido por Alaíde somente no plano das trevas, do inconsciente, à beira da morte.

Tal como na vida de Nelson Rodrigues, quando do homicídio do seu irmão, o contraponto ao dogma casamento, o “desquite”, trazia consigo uma pulsão trágica, de morte, na obra “Vestido de Noiva”. Mas, o mal, se é que se pode assim dizer, agia, mesmo, era no plano da luz, institucional. Ao menos, na obra aqui referenciada.

Ismar Nascimento Jr.

DOPPELGANGER

Em algum lugar,
em algum tempo,
existe alguém
igual a você,
mas completamente diferente:
Doppelganger

Rodolfo Pamplona Filho

E TUDO ACABOU...

E havia um país, e tinha um código.

E havia uma norma, que tratava do interrogatório, que dizia do papel do juiz, e de perguntas.

E havia uma ordem.

E, acima de tudo, havia a Constituição, e um sistema.

E houve um pedido, e um número (175048).

E no pedido havia um corpo: “Traga-me o corpo!”

Mas, no meio do caminho tinha uma Corte.

Tinha uma Corte no meio do caminho.

E havia um Ministro.

Então, como se dera com José (também de Drummond), tudo acabou!

A ordem acabou, o código sumiu, a constituição esfriou, o sistema mo-
fou, a norma fugiu.

O país acabou.

E acabou a vergonha!

Rômulo Moreira

ELAS E ELE

Para Pitágoras é o número da perfeição
Influencia a sensibilidade e a expressão
As divindades Júpiter, Netuno e Plutão
Número da democracia que representa união

Número perfeito para os chineses
Tríplice sistema de fases de corações tríades
Ou mais. Na liberdade das múltiplas variedades
Três dimensões sem confinamento de exegeses

Soma da unidade com a dupla diversidade
Agnóstica-ateia santíssima trindade
Mundo natural, religioso e filosófico
Delicioso *Menages a trois* caótico

Três pontos de ângulo amoroso,
É o símbolo mundial do pedido de socorro
De hipocrisia não morro
Para os moralistas, um triângulo indecoroso

Brahma, Vishnu e Shiva
Para quem não está na defensiva
Os três mosqueteiros em ação
A unidade do todo e o sentimento da mutação

A dualidade da manifestação
O ternário da perfeição
Cão de três cabeças de plutão
Na Grécia, Zeus, Hades e Posidão

Bom pensamento, boa palavra e ação
A mentira é a energia da destruição
Sem planejamento, posse ou complicação
Não há traição. Quando um ou dois não quiserem, três não serão

Lithium estabilizador do Nirvana
Mente, corpo, espírito na primavera
Água, terra e ar iniciando outra era
Ser flor numa novela jorgeamadiana

Ninguém promete futuro
Porque o futuro é incerto
O que vale é o sentimento puro

Coração liberto
O amanhã é escuro
Infinito fractado escrito...

Ezilda Melo

ENERGIA

Eu queria ser madeira, mas sou metal.
Queria ser isolante, mas sou condutora.
De temperatura, de energia, de você.
Sempre quente, pulsante, eletrizante.
Olhares que são pequenos choques.
Radiação em curtos toques.
Mas, fica o questionamento:
Já existe transferência de calor?

Elizabete de Araújo Souza

ENTRE VERSOS E BATIMENTOS CARDÍACOS

Escrevemos para desabafar
Aquilo que nos tira o sono
Permeia todo o entorno
Das inquietações e de toda ansiedade

Escrevemos como se o papel
Absorve-se nas entrelinhas
O que nos desatina
E nos deixa sem vida

Vazia...
é a vida sem poesia
Sem sentimentos e agruras expostas
Entre os versos, desabafos e enredos cotidianos

Sem demora
No momento de desejo
Anseio por respostas
Corremos rapidamente a esse bendito remédio

Que nos tira do tédio e parece entender
No íntimo do saber
Do entristecer e amanhecer
Aquilo que nos inquieta e tira o sono

Insano, pois as linhas dizem muito
Sob o espectro de mundo
As dores, alegrias
Antipatias e agonias

As quais única e exclusivamente

Quase inconscientemente
São dispersas em rápidos versos
A ponto de acalantar a alma

Tira o carma
Da pressa cotidiana
Dos abraços não dados
Das palavras não ditas

Dos sentimentos guardados
E para não ser fadado
A afogar-se no complexo do eu
Do que sucederá

E sucedeu
Recorro aos versos
Escrevendo e expressando em cada linha
A alegria de não ter guardado mais um dia

Tudo o que remonta em minhas memórias
A importância de expressar-se
E inebriar-se dos versos
Escarrando em linhas o mais complexo dos reflexos.

Paula Yurie Abiko

ESCORRE DOR

Escorre a água
Da louça lavada pela mulher cuidadosa
Que olha, diante de si, mais uma pia de pratos
Almoço feito, jantar por fazer
Casa para varrer
Roupa para passar
Laranja para comprar
Carne para triturar
Garrafa d'água para encher
Aquele escorredor era da sua avó
Foi presente. Seu avô presenteou no dia das mães.
Nenhum homem da família usou.
Talheres, xícaras, pratos, panelas,
Quanto sabão, quanta água!
Quantas mãos lavaram louças?
Os pensamentos não paravam,
Enxugar e guardar bem
Todos aqueles utensílios da família numerosa
Quantas mulheres ajudaram e conversaram
Naquela cozinha ventilada?
Nutrir e cuidar
Quantos pratos quebrados?
Escorre toda dor
Seja lá onde for

Ezilda Melo

ESPASMOS

Espasmos que fogem o controle
No doce despertar d'álma
Despejo-te abundante desejo!
Ouço-te... gemidos sussurrados
No ápice desterro
Perdemo-nos à Pátria!
Somos conduzidos à fronteira da emoção,
Desolados, confusos, refugiados
Condiz com suspiros desvairados
Que ocultam o silêncio do leito
Vejo-te enebriada, enroscada ao lençol
Doce sorriso,
Moldura expressionista obra-prima
Aprisiona-me viril no mítico ciclo afrodisíaco

Rodrigo Luz

EU

Perfil analítico,
Cheia de defeitos.
Me redescubro um pouco mais cada dia.
Não me defino não me limito.
Perfil observador.
Cheia de conclusões
E a cada cena que vejo,
Percebo como um acontecimento causal.
Crio causas.
Crio caso.
Não faço descaso, do que me cobra a mente.
Acelerada,
Insegura,
Ou segura demais.
Limitante e sem limites.
Dolorida e confortante.
Sem querer convencer ninguém de sua ideia preexistente.
(Um dia qualquer)

Patrícia Salviano

EU NÃO SEI CONTAR CARNEIROS SONOLENTOS

O que eu faço em noites de insônia? Eu fico olhando meus pensamentos. E meus pensamentos, sorrateiros, adoram passar a perna em meus olhos desatentos. Quando me dou conta, eles já se foram ligeiros, levando consigo meus sonhos roubados, embrulhados, disfarçados. Nem assim o sono chega.

Penso que estou naquela fase da vida em que a gente ou vira bicho-preguiça, que só pensa em dormir e esquecer da vida, ou vira coruja, atravessando a noite de olhos esbugalhados, à procura da melhor presa, voando pra lá e pra cá no vai e vem das estranhezas noturnas. Só não passo noites inteiras contando estrelas porque não tenho cama na varanda. Quem sabe uma rede na varanda resolvesse meu dilema astronômico de contadora de estrelas à moda antiga. Ficaria horas e horas à espera de estrelas cadentes e seus exemplares de pedidos satisfeitos a esmo. Entretanto, não há como esquecer que estrelas jamais nos serão presença instantânea - chegam-nos tardias, muitas vezes já extintas - estrelas são 'post-its' do universo a nos lembrar do passado remoto.

O que eu faço em noites de insônia não chega nem perto de contar carneiros. Deixo-os em descanso, em sono profundo. Meus carneiros noturnos sabem muito bem da delicadeza santificada de uma noite bem dormida. Eles dormem, todinhos, amontoados bem antes da cerca, aliás, nem cercas são necessárias em meu vasto campo de carneiros sementeiros de sonhos fecundos. Eles dormem, satisfeitos, enquanto sou eu quem brinca de saltar as diversas cercas das lembranças aprisionadas nas entranhas dos momentos esquecidos. Enquanto meus carneiros dormem sonhando o sono dos seres anuviados, eu sigo feito coruja acesa buscando sua melhor presa: a palavra desbastada por uma sede tão tardia quanto os poemas que nascem desajeitados, a satisfazer meus desejos sorrateiros, depois da curva do presente do indicativo.

Nic Cardeal

FECHE OS OLHOS E ABRA O CORAÇÃO!

O amor desperto no amanhecer... vai florescer se puder viver.

Um amor que traz a Luz e a Paz.

Feche os olhos e abra o coração!

Há uma consciência que não é razão.

É alimentar a chama da existência do nosso ser.

A Luz que brilha no anoitecer...vai iluminar se puder viver.

Uma Luz que traz o Amor e a Paz.

Feche os olhos e abra o coração!

Há uma consciência na intuição.

É ouvir a voz que canta a essência do ser eu em você.

Feche os olhos e abra o coração!

Lucas Gabriel S. Costa e Luis Wagner S. Costa

FILOSOFIA NORDESTINA

Perdoe-me a intromissão,
Mas tem razão o Ministério da Educação.
Se o nordestino continuar filosofando,
Será um disparate, será desumano!
Imagine se surgisse outro Graciliano,
Uma nova Raquel de Queiroz...
O que seria de nós?!
O Brasil perderia as estribelas!
Já pensou se resgataram a Nise da Silveira?
Ah, meu pai amado, meu Jorge Amado!
Nem cravo e canela resolvem a querela!
“Parem o mundo que quero descer”,
Quero consignar essa queixa,
Parafraseando Raul Seixas.
E se os estudantes falarem versos
Contarem prosas,
Ou citarem Rui Barbosa?
Ariano Suassuna que assumo essa ciranda,
Porque nem Pontes de Miranda
Conseguiria solucionar!
E nem se fale em José de Alencar:
Imagine se “O Guarani” fosse uma trilogia!
Teríamos versos em tupi, na poesia!
Vou encerrar com Tobias Barreto,
Eu prometo!
Ou melhor seria com Castro Alves?
Que os anjos nos salvem!
Esse povo do Nordeste
É povo de muita sabedoria...
Imagine se nas escolas
Ensinarem filosofia?

Mírian Monte

FLASHES DO PASSADO

*“Se me contemplo, tantas vejo, que
não entendo quem sou,
no tempo do pensamento”.*

Cecília Meireles

Num álbum de fotografias velhas, reconheci-me e estranhei-me. Não era eu e, ao mesmo tempo, o era. Aquelas fotos sequenciadas da minha vida colocou-me diante de mim mesma. Via-me, olhava-me, refletia sobre cada ocasião, encontrava-me e perdia-me.

Uma sensação estranha invadiu-me de surpresa, deixando-me melancólica: olhava para os rastros do passado através daquelas fotos, via o meu rosto e procurava no presente o que já fora no passado.

Sabia que era eu, no entanto aquelas fotos não me refletiam tal como agora estou: enrugada. As rugas são sinais externos. As máquinas fotográficas também, por mais potentes que sejam, só conseguem captar nosso eu exterior. Captam o que qualquer olho humano consegue ver. A partir desse pensamento comecei a refletir sobre aqueles momentos presos, detidos e guardados dentro de minha gaveta sob a forma de fotografias. Representavam um certo momento fugidio e estatizado. Representavam um pedaço de mim em um passado distante.

Meus filhos poderiam guardá-las e mostrá-las aos meus netos. Poderiam ser usadas como uma fonte histórica, resgatando vestimentas, ruas, paisagens, bares, meios de transportes, enfim qualquer que fosse sua utilização ninguém conseguiria ver nelas minha pessoa. Esta visão subjetiva só eu poderia ter e mais ninguém.

Coisa estranha e verdadeira: em muitas fotos em que eu estava rindo, inclusive no dia do meu casamento, o que se escondia por trás do meu rosto e sorriso - e que a fotografia ainda não consegue captar - era a minha tristeza, a minha dor, o meu sofrimento. Estava casando com um homem escolhido por meus pais, de quem não gostava.

Hoje olho-as, reconstruo passagens da minha vida através delas. Sei onde muitas foram tiradas, o nome das pessoas que me rodeiam, consigo lembrar até quem as fotografou... Em algumas vejo meus pais; em outras, meus três irmãos ainda pequeninos e louros. Em outras, re-vejo amigas sapecas de infância; olhos antigos namorados da juventude; meus colegas de trabalho, meus vizinhos... muitas pessoas do passado estão em meus álbuns fotográficos. Vejo minha linda filha com seu bebê rosado no colo. Vejo e relembro acontecimentos inteiros, e não só os que a máquina conseguiram captar. Consigo lembrar, até mesmo, velhas emoções guardadas a sete chaves, no esconderijo mais profundo de meu coração.

O tempo, esse ser tão escorregadio, que nos escapa a todo momento parece ter perdido uma batalha, pois num instante luminoso foi preso e encontra-se guardado dentro do meu baú de recordações. Tenho a saborosa impressão de ter um pedaço dele em minha mãos.

Nem todas essas minhas recordações e o grande avanço tecnológico, como as máquinas fotográficas e as potentes filmadoras, serão capazes de trazer meu velho e longínquo passado e mostrar-me como eu verdadeiramente era. Hoje sou uma mulher cheia de vida e alegre, ao contrário da jovem de ontem, linda e com um sorriso no rosto, e que por dentro era triste. Porém, compare uma foto do meu rosto amarrotado, com uma foto do meu rosto sorridente de princesa, pensará o quanto eu era alegre e se enganará pela imagem. Muitas vezes, a verdade é tão subjetiva que apenas quem a viveu sabe onde encontrá-la...

Ezilda Melo

FLECHA MAKUNAIMÁ

Encontrei a vida no meio do capim. Eu ia passando e ouvi um piado. Fui posto a dançar. Dancei criança ainda em duas vontades. Fui posto ao chão. Meu peito inflou e farpas voaram com amor atarraxando em árvores, em tudo em volta. Em tudo que passava na frente a flecha do amor cravou. Homens e bichos, seres especiais. Espíritos. Todos flechados no meu encontrar a vida. Ainda hoje há quem fuja dessas flechas, há quem as desvie. Há quem as deseje mas não vem ao alvo. A flecha voa flexível. Apenas passa zunidos com suas penas bem trabalhadas. Apenas passa passando em sua perfeição de ser. Flechas só passam, livres, livres quando conquistam, livres, leves, livres. Sem veneno, só amor para a vida, só a leveza de estar pleno no ar, exatamente absoluto. Flecha, desde que nasceu a planta aponta para a imensidão. Ser flecha, estar lançado à plenitude. Pleno, neto mesmo de seu grande avô, honra mesmo de suas matriarcas, as donas das flechas, donas dos homens, donas dos barcos, dos arcos. Mãe que flecha o filho à imensidão por puro amor. Não há obstrução, é leve, fluido, é a flecha pousada no ar sem nunca macular. É a flecha especial, a flecha da vida.

Publicado originalmente em 02.01.2018 em rede social Jaider Esbell.

Jaider Esbell

FLOR E ABELHA

Flor e abelha.

A flor quer saber por onde a abelha. A abelha quer o néctar da flor.

A flor quer certeza.

A abelha quer amor.

Mas flor, como privá-la de voar?

Mas abelha, que segurança dás?

E no silêncio, a flor permite.

E nas pétalas, a abelha suga.

Elizabete de Araújo Souza

GAROTA DA PIPA SOLTA

Ainda quando criança, o correto é ensinar
aos meninos e meninas com o que se pode brincar
elas brincam com bonecas e eles de futebol
elas brincam com o fogão e eles com o cerol

Cerol que faz cortar
a linha da pipa solta no ar
só não imaginam os pais dessa criação
que cortam as asas da imaginação
quando impedem as meninas de brincar
com o que vier na cabeça e desejar

Na adolescência são impulsionados a estudar
as meninas precisam conciliar
o aprendizado com os deveres do lar
os meninos nessa divisão
além do estudo com concentração
são ensinados a desvendar
os prazeres do sexo e não do amar

Quando a menina uma reviravolta resolve dar
ao invés de cozinhar, ela opta por uma lâmpada trocar
ao invés de cuidar do lar
quando na escola a aula acaba
ela precisa “bater um baba”
e quando em casa ela chegar
prepara a linha e o cerol para um pipa soltar

Os rótulos são vários para nomear
as meninas que preferem fazer
a ideia que na cabeça aparecer
São chamadas de mulher-macho ou sapatão
De esquisita, fora do padrão
De louca, biruta ou boba
Ou, meramente, garota da pipa solta.

Eliane Câmara

GRANDE FESTA

“Triste, louca ou má. Será qualificada. Ela a quem recusar...”

(Francisco, elHombre)

Da esquina sentia-se o cheiro do caruru cozinhando. O banquete seria completo: vatapá, acarajé, abará, galinha, farofa de dendê e banana frita. A sambinha ficaria por conta dos sobrinhos de dona Zizi. A vizinhança alvoraçada com a expectativa da comemoração. Festança sem horário para acabar.

Dete organizara tudo no capricho, feliz como há muito não ousara ser. Tinha motivo para celebrar.

Lembrava-se bem do dia que começou a labutar, aos onze anos. Passava roupa para ajudar nas despesas da família. As queimaduras nos braços a lembravam de ser mais cuidadosa na tarefa. A mãe, empregada doméstica, acostumara os filhos a frequentar a igreja. Dona Vanda costumava repetir a ladainha:

-Deus não permitirá que nenhum dos meus filhos dê prá ruim.

Dete mal acordava, vestia a farda encolhida, tomava dois goles de café, uma nesga de pão e lá se ia cantarolando com o pequeno caderno embaixo do braço. Ser professora era o sonho. Foi obrigada a trocar a escola pelo trabalho, ceder lugar aos irmãos menores, eles também teriam tempo contado para o colégio.

As vezes a mãe a presenteava com algum livro usado, herança das filhas das patroas. Dete encantada, lia e relia as estórias, passeava em outros mundos, onde podia ser heroína ou vilã.

- Oh menina desligada. Vive na lua.

Aos quinze anos, finda a missa a mãe lhe apresentou Lucivaldo, vinte anos mais velho que ela. Homem forte, de poucas palavras nem feio nem bonito, porteiro do Fórum, concursado.

Reparara na mocinha ajeitada e calada. Parecia ser direita.

Estranhou o sujeito carrancudo, de poucos amigos. Pressentia que o amor dali passara longe.

Dona Vanda a alertou:

- Amor não mata fome. Casamento hoje em dia é milagre. Louvado seja Deus!

Na troca de alianças, Lucivaldo se comprometeu; as contas da casa seriam dele. Após o casamento Dete não trabalharia mais. Ele também decidiu, residiriam em bairro decente, longe do subúrbio. Ela teria que dedicar-se exclusivamente a quem a escolheu por esposa.

Poderia até estudar, depois de limpar, cozinhar, passar e costurar para ele.

Lucivaldo trazia no peito rancor pela mãe, ainda pequena ela sumira na estrada com um jovem caminhoneiro. A magoa, ele aprendeu a desafogar nas “branquinhas”.

O tempo ensinou a Dete a “criar couro forte”. Um ano após o casamento, assistiam futebol, enquanto ele bebia. O time favorito perdeu e desatou enxurrada de xingamentos. Sem saber o que fazer tentou acalmá-lo:

-É só uma partida, sussurrou, afagando -lhe o ombro.

Em revide o estalar dos ossos seguida de dor aguda.

- Abestalhada! Bateu a porta, sumiu no quarto.

As lágrimas não aliviaram o choque. Dete demorou a pegar no sono. Deitada no pequeno sofá da sala tentou convencer a si mesma:- Se não tivesse aberto a boca ele não teria me machucado.

Na manhã seguinte preparou o café, o esperou acordar. Não trocaram palavras. A olhou de soslaio, o pulso estava mal enfaixado, saiu apressado.

Nos fins de semana depois de algumas doses virava bicho. Ela aprendeu a aguentar porrada, chorar baixinho, não incomodar. Rezava forte, colocara na cabeça a fé salvava.

Na casa ao lado morava dona Zizi, viúva e cozinheira de mão cheia. Tornaram-se amigas.

Com o tempo a pancadaria acontecia com mais frequência.

Dona Zizi aperriada com os baques e gemidos, foi à casa da vizinha. Lucivaldo rescendia a cachaça, mal a reconheceu. Ela queria dar uma palavrinha com Dete. A enxotou aos berros. Mulher dele não tinha amizade com vagabunda. Bateu-lhe a porta na cara.

Trancada no quarto Dete apertava a boca tentando conter o soluço. No canto escuro da parede imaginava Lucivaldo tombado na sala, olhos semi abertos, engasgado no próprio vômito.

Lucivaldo invadiu o quarto:

-A próxima vez quebro a cara dessa velha. Sai daqui!

Dia seguinte, acanhada foi desculpar-se com a vizinha. Dona Zizi notou o corte no lábio inchado, nos ombros marcas roxas, doídas. Abraçou a moça, era pele e osso. Pediu que prestasse queixa. Os sobrinhos dariam um tranco em Lucivaldo, aprenderia a respeitá-las. Conhecia bem o tipo, “valente com mulher”. Dete suplicou silêncio. O problema era o álcool. Tudo passaria, fizera promessa.

Dona Zizi a contra gosto acatou. Depois do ocorrido, ao topiar com o covarde, cuspiam no chão e mudava de calçada. Lucivaldo não reagia, talvez por “consideração” aos sobrinhos musculosos da idosa.

Boatos corriam. A maioria da vizinhança se compadecia do pobre mas ninguém abria a boca. Em Dete crescia uma sombra no coração.

Quando lhe deslocou o ombro justificou no hospital; fora assaltada. Da vez que ele lhe deu um soco e perdeu boa parte da audição; inventou acidente de bicicleta. Buscava sempre novo pronto atendimento, assim escondia a violência sofrida. Engravidara um vez mas por “queda” perdeu o bebê.

Nenhuma criança merecia nascer naquele martírio.

Passou a usar vestidos compridos, camisas de manga. Ocultavam hematomas. Na hora das pancadas, a todo custo protegia o rosto. Quando ele estava “possuído”, ela se fantasiava invisível.

Imagens surgiam com mais frequência na hora das surras. Bastariam duas gotas de veneno na bebida do desgramado. O fim estaria alcançado. Passada a porrada a culpa a chacoalhava. Aterrorizada rogava perdão aos céus.

Não procurava ajuda, carregava seu tormento. O peso da aliança

aniquilara as forças, a vergonha liquidara a coragem.

Não tinha para onde ir. A mãe falecida, quanto aos irmãos carregavam o fardo da miséria. A rua é o que restaria. Ancorada em orações sobrevivia refém do medo.

.....

O final do campeonato chegara. No sábado, Lucivaldo comprou ingresso do jogo. Vestido com a camisa do time e bandeira na mão, saiu de casa. Tomaria um esquete no boteco. Depois da partida celebraria a vitória certa. Não teria hora para voltar.

Ela torcia para o time ganhar, assim, ele chegaria cansado, bêbado, quem sabe contente. A comida o esperaria na geladeira. Com sorte, apagaria. Mas se o time perdesse, o pior lhe aguardava. No quarto, acendeu vela, orou com fervor e se entregou ao sono.

O time não cantou vitória, o placar: três a zero. A cada gol, geladas desciam raivosas. À noite, Lucivaldo saiu azedo e zozzo do estádio.

Próximo da arena dois jovens festejavam o campeonato.

...

No estacionamento Angelo vibrava com a vitória do timão. Comprara um pequenino uniforme, mimo envolto em papel vermelho. A esposa estava grávida, o primeiro filho do casal. Saiu atrasado da loja se encontrariam na pizzaria.

....

Lucivaldo avistou os rapazes com a camisa da equipe adversária.

- Time de merda!
- É com a gente? Perguntou o mais forte dos dois.
- Cambada de veado! Destilou a ira .
- Cala a boca. Cê não aguenta um tapa.
- Não tenho medo de marica.

Um dos rapazes empurrou Lucivaldo, tombou flácido ao chão.

- Sai. Bêbado!
- Te arrebento...gaguejou.

Conseguiu levantar-se amparando-se ao poste. Um dos jovens acalmou o amigo.

-Deixa prá lá, vamos nessa.

Lucivaldo continuou gesticulando ao vento.

Do outro lado da avenida avistou uma moça brincando com o estandarte do time inimigo. Coração em cólera, cerrou os punhos, acabaria com a vadia.

Ao atravessar a pista “vadia” foi a última palavra que balbuciou antes de ser atingido pela caminhonete desgovernada de Angelo.

....

Dete, acordou surpresa, passavam das oito horas. Esperava encontrar Lucivaldo escornado na sala. O celular alertou, devia comparecer ao Instituto Médico Legal reconhecer um corpo ou o que restara dele.

No necrotério Dete sentiu-se leve, abençoada quase feliz. Mal conseguia esconder o sorriso, Lucivaldo transformara-se em boneco de cera; amassado, pisoteado, estraçalhado e esquecido por alguma criança travessa. Intacta, no defunto, restara apenas a aliança que insistia em reluzir no dedo.

Enquanto recebia os pêsames, libertava-se da algema dourada que lhe aprisionara tanto tempo.

Dias depois compareceu a repartição do finado. Ao informarem do direito a pensão não conteve as lágrimas. Seus pedidos, finalmente atendidos. Celebraria a vida e a liberdade em grande festa.

Karina G. de Sá

GUARULHOS

Entrada, mala, pressa, celular, desatenção.
Gente, fila, passos, guichê, atendente, interrupção.
Escadas rolantes, cartazes, conversas, distração.
Cafeteria, dinheiro, lanche, pão.
Cadeira, mesa, livro, papel, caneta, mão.
Crianças, casais, sorrisos, tristeza, solidão.
Bancos, lojas, tédio, horas, irritação.
Despedidas, pressa, peso, cansaço, portão.
Embarque, ticket, fila, tripulação.
Avião, assento, janela, decolagem, estrelas, televisão.
Sede, frio, turbulência, pensamentos, tensão.
Horas, aterrissagem, ônibus, corredores, dispersão.
Bagagem, espera, impaciência, visão.
Reencontro, abraço, conversa, carro, circulação.
Cidade, ruas, casa, família, proteção.
Sono, cama, sonho, viagem, ilusão.

Karina Guerreiro de Sá

HOMENAGEM AO ADVOGADO

Advogar é uma arte
E disso amo fazer parte
Tem que fazer por merecer
Debater e convencer
Saber conciliar
E o direito interpretar

Para que disputa?
Entrar em luta bruta?
Quando a melhor conduta
É ter palavra justa?
Lutar por direitos, sim!
Mas não a qualquer preço
Saber valorizar-se
Isso merece apreço.

Profissão iluminada,
Ainda que hoje flagelada
Faz-se muito almejada.
Digo que é abrilhantado
O bom advogado.

Bianca Rosenthal

INFÉRTIL

Filho, livro, já tenho
Outra árvore preciso plantar.
A que tive a terra mudou-se
Vendaval levantou raízes
À beira do rio misturou-se
Gramma, galho, musgo e lar.
Minha árvore o chão perdeu,
Quem manda tanta fartura.
Semente, sente-se
Por favor. Diga seu nome,
O balanço dos ramos,
E flores, dará?

Marilena de Curitiba

IN-FINITUDES

Morro de viver todos os dias. E as minhas entranhas vão ficando gastas, puídas, desmedidamente entristecidas. A finitude dos dias vai demarcando territórios demasiadamente curtos para as dimensões absurdas do coração. Pois é bem certo que não sei descrever com precisão em que lugar deixei cair as asas que me trouxeram a este chão. A madrugada já faz morada nesse horizonte que se estica feito fio comprido de costurar meus infinitos tão longínquos...

Não. Não posso crer que a minha sina seja apenas tecer palavras a passos lentos no descalço dessa vida tão repentina... A água invade em enxurradas os meus olhos fundos, lá bem distante da superfície deste meu mundo. Não. Não sei a que intento me foi dado o dever de viver em descompasso, ainda que eu mesma pague o preço por tantas rasuras e remendos na alma minha...

Vivo de morrer todos os dias. As lembranças vão se perdendo entre os vãos dos dedos dessas minhas mãos enfraquecidas. E os meus desejos vão sendo silenciosamente em brancas nuvens entardecidos... Mesmo assim seguirei descosturando a linha. Desfazendo os nós. Até que nós todos sejamos sonhadores de novos gestos - e uma luz se acenda na cabeceira de uma outra história que se avizinha.

Sonhar é o que importa - ainda que seja apenas um bom retrato em branco e preto pendurado na parede da imaginação. Porque comporta um infinito inteiro. Abaixo. Acima. Dentro. Além das beiras. Bem profundo. Ao abrir das portas de um novo mundo.

Nic Cardeal

INTIME-SE

Coloque-se em vivacidade.

Abrace a diligência, e torne-a sua tarefa primeira.

Cumpra a atividade a qual jurou comprometer-se.

Aja com decência,

Compaixão,

Paixão,

Em face daqueles que dependem daquela.

Aja pelo bem.

Goze das prerrogativas que a ti foram concedidas.

Utilize-as em favor das garantias que à comunidade cabem.

Regozije-se com toda e qualquer consequência beneficiária em face do seu propósito primeiro.

Honre a Carta Magna a qual estás vinculado e peleje.

Peleje por vós,

Por nós,

Por mim,

Por todos.

Peleje por aquilo que nos rege e nos protege.

E, ao chegar ao fim de sua tarefa, se um dia tu chegares,

Renove,

Reprise,

Recomece,

Do zero,
Do novo, mas
Jamais (des) observe a essência do ato que o trouxe até aqui.

Intime-se.
Registre-se.
Publique-se.
Inspire-se.
Cumpra-se.

Renan F.

LISTA DE DESEJOS

Eu não quero só a flauta. Eu quero a música que mora dentro da flauta. Cada nota escondida em sustenidos sentidos. Eu quero os acordes da poesia virando canção – e a voz que a faz palavra entoada. Sim, sou egoísta por querer a flauta e a moradora da flauta.

Eu também quero a vida que atravessa a palavra. Sorver até a última gota esse silêncio que sufoca a garganta e impede a voz de ser o órgão febril da palavra. Eu não quero apenas a mão que ergue a caneta e escreve a palavra. Eu quero a alma que percorre a mão, eu quero o gesto, o verbo, a liberdade voando solta nas asas da palavra – tão fugidia. Esguia. Esgueirando-se sorrateira no teu olhar de mistérios. Sorrisos soltos em silêncios tão sérios.

Eu não quero apenas a roupa da carne. Eu quero o corpo, o osso, a veia repleta de vivo vermelho, a seiva que alimenta o peito e lateja o doce e o amargo. Eu quero conhecer tua ferida. O corte da pele, o sangue jorrando em gotas, o choro do ventre, a semente parindo o futuro do indicativo. Eu quero a ruga, a curva, o passo apressado, o olhar tão cansado, a ira impulsiva, a angústia desmedida, a saudade guardada na vértebra esquerda de desesperos entorpecidos. Eu quero o riso, a gargalhada, a alegria, o sonho louco na medida exata. Ou perdida. Eu não quero apenas a solidão da palavra. Nem somente a flauta. Eu quero a curva do rio escorrendo enchentes em desejos tão urgentes. E a paciência do tempo favorecendo o despertar da semente. Eu quero o amor que mora na semente – da flauta.

Sim, sou egoísta por querer o órgão febril do coração da flauta. Eu quero o outro lado da rua. Esse lado da lua. O meio da rua. A avenida. Estrada de terra batida. A ponta da estrela iluminando o caminho. Os passos tão gastos em perfurados sapatos.

Esta é minha pauta – a música da (tua) vida. No toque sutil (ou áspero) da flauta.

Nic Cardeal

“LIVEPARAFRASEANDO”

O significado de parafrasear,
É um texto para interpretar
Com palavras próprias,
Mantendo o original

No caso das lives
Servem para, à noite, não assistir tv
Na hora do jornal
Tentar, um pouco, esquecer
Da vida real

Não que a notícia seja banal
Mas, às vezes, o destino é fatal
O termo usado é lockdown

Além do confinamento
É triste a política do momento
É inacreditável, chega a ser vulgar
Não colocar a vida do ser humano
Em primeiro lugar

A palavra “live”
Se queres saber
Do inglês para o português
A tradução é “viver”

No contexto digital
Fazer live é transmitir ao vivo
Cultos, congressos, shows
Através de uma rede social

Com limite ou sem limite
De tempo de exibição
Live redireciona o pensamento
E alivia o coração

Parafreseia a verdadeira ocasião
Sem fugir da importância real
De uma pandemia
Que atingiu a saúde mundial

Portanto, dance, medite, cante
Faça sua oração
Aumente sua vibração
Seja generoso e tenha gratidão

Agradeça por mais um dia
“liveparafreseando” com alegria
Seguindo com fé em abundância
Sem nunca perder a esperança.

Eliane Câmara Batista dos Santos

LUA

Quem és tu Lua?
Admirada e amada por eras,
A inspiração dos grandes poetas,
Mas, comigo, é tão severa.

Ora mulher, ora cheia.
Ora menina, ora meia.
Ora minguante, ora inteira.
Sempre enrolada, e nunca solteira.

Há quem te considere vulnerável,
Afinal, a Terra lhe mantém ao seu lado.
Girando e girando,
De maneira interminável.

Mas eu não te vejo assim,
Tens grande influência em mim.
Sua gravidade me desfaz,
E não sobra nada no fim.

Ah se tu soubesses!
O que tu fazes com as minhas marés!
Meu corpo, minha alma, minha mente,
Estão todos aos teus pés.

E os meus fluídos?
Seja em maré alta, ou maré baixa,
Sua força lunática, só me faz,
Cada vez menos tenaz.

Lua, escolha outro planeta para orbitar!
Que seja Júpiter, Saturno ou sei lá.
Só sei, que não aguento mais querer,
E só dá Terra te olhar.

Elizabete de Araújo Souza

LUTA DE UMA REFÉM

Tuas palavras me condenam
Meus olhos te cegam
Teu corpo me amedronta
Minha luta te estimula
Como pode ser capaz de me apresentar
Se o que anseio não és capaz de me dar
Fujo até de sua sombra, para sozinha ficar
Permaneço presa nesta história
Mas você pode me libertar

Alanis Marcela Carvalho Matzembacher

MADE IN CHINA

Sentiram apertar os sapatos
As roupas pareciam antigas
Falta de ar, sobressalto
Contornos do invisível à vista

Desinteresse, mudança de canal
Nada de ficção, me apego ao real
O controle remoto me aproxima
Penetro na tela made in China

Tudo que está aqui vem de lá
Desejo, disparo, recebo
Se há algo errado no fluxo
É no influxo do caos que percebo.

Consumo desgovernado
Importação involuntária
Sem clicks a estartar
Sem comandos a controlar

O sentido está mantido
Tudo do mundo vem de lá
Não há novidade na lógica
Segue o fluxo, vida pedagógica

Só não dá pra parar
Quando bem entender
Se deseja mudança
Será bom renascer!

Cyntia Possídio

MADRIGAL

Um raminho de flor
Um sorriso sonhador
Um beijo ajoelhado
Um olhar apaixonado
Uma ponte coberta
Uma relva desperta
Um metro calculado
Um espaço incendiado.
É seu este retrato?

Marilena de Curitiba

MEU MUNDO

Meu mundo não há
Porque no meu mundo
O mundo se foi
No tempo
Enquanto
Se cruzam e se perdem
O antes e o depois
Todo é rápido
Tudo é vão
O beijo dilacerado
No sorriso
A constante curva
Da liquidez
Os dedos ágeis
A língua vil
Tanto quanto miragem
De perto, se consumiu
O longe se aproxima
Feito manteiga no pão
Nada se anima
Nada, nunca.
Talvez, sim ou não.

Caio Vlasak

NA CAVERNA SE APRISIONASSE

Qual o teu medo?

Qual o teu temor?

Foges da tristeza e esconde-te do amor.

Fostes liberta,

Tua liberdade temerás?

Por acaso com a prisão se acostumaste?

Acaso temerás a saída da caverna?

Ou com a sombra se identificasse?

Pergunto, fosse por medo que te aprisionasse?

No seu inconsciente exila-se.

Por onde andas o id, ego e o superego? Porque os isolasse?

Temes ao novo?

Preferes a sombra na parede?

Ou apenas temes ao diferente?

Talvez, o medo sejao de reinventar-se.

Wellington Jacó Messias

“NA COLÔNIA PENAL”: REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS

Em dada passagem de “Admirável Mundo Novo”, obra emblemática de Aldous Huxley, um personagem encontra, empoeirado na estante, um livro de Shakespeare. No admirável mundo erigido durante o Covid-19, mais especificamente no “sistema-mundo” Europa, o livro “A Peste”, escrito por Albert Camus, bate recorde de vendas².

Huxley profetizou, na década de 30, uma realidade controlada pela propaganda, consumismo e com relações afetivas líquidas. Por isso, o livro de Shakespeare foi encontrado empoeirado, já que não havia tempo (dado o consumo frenético) para uma leitura que abordasse sentimentos, principalmente em tempos de liquidez afetiva. No admirável mundo de Huxley, existia a pílula da felicidade, o *soma*. Talvez, parecido com o Rivotril, campeão de vendas no país do carnaval³. Já Camus é referenciado como um filósofo do absurdo⁴.

Mas não é sobre esses dois autores que trataremos a seguir:

Franz Kafka, judeu, é também conhecido por retratar, de forma absurda, recorrendo ao realismo fantástico, a condição humana. Há quem diga, inclusive, que a obra “Na Colônia Penal” representa um presságio do nazismo. Destaque-se que Kafka teve três irmãs assassinadas em campos de concentração⁵. Quanto à obra citada, o enredo é

1 Termo utilizado pelo filósofo argentino Enrique Dussel no livro “Ética da Libertação”. para se referir ao eurocentrismo surgido a partir das grandes navegações.

2 <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-51843967>

3 <https://super.abril.com.br/saude/nacao-rivotril/>

4 Da mesma maneira, e em todos os dias de uma vida sem brilho, o tempo nos leva. Mas sempre chega uma hora em que temos de levá-lo. Vivemos no futuro: ‘amanhã’, ‘mais tarde’. (...) O amanhã, ele ansiava o amanhã, quando tudo em si deveria rejeitá-lo. Essa revolta da carne é o absurdo.”CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. São Paulo: Record, 2004.

5 <https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/05/1629863-tres-irmas-de->

o seguinte:

Um oficial militar fica encarregado de apresentar, a um observador internacional (explorador), o funcionamento de uma máquina de punição, utilizada por um antigo comandante, na colônia penal.

A máquina funcionava da seguinte maneira: o condenado era colocado dentro do maquinário, que possuía agulhas capazes de tatuar, no corpo do desviante, a sentença, simbolizando a necessidade de obediência à regra⁶. Ocorre que o mecanismo infligia dor ao condenado⁷, chegando, mesmo, a tirar-lhe a vida. Seria, assim, um instrumento destinado à tortura e execução (da sentença e do apenado).

O oficial apresenta o maquinário ao explorador, que produziria um relatório, sobre a adequação, ou não, do mecanismo punitivo aos parâmetros internacionais. Acontece que o observador não pareceu concordar com aquele método, principalmente quando um condenado lhe é apresentado, a fim de ser realizada uma demonstração.

Irresignado com a hesitação do observador (quem sabe, uma premonição dos futuros sistemas regionais e global de direitos humanos), o oficial, encarregado de executar a sentença, num gesto desesperado e em obediência ao antigo comandante, “que um dia voltaria”, coloca-se, ele próprio, na máquina, sendo supliciado e morto⁸.

Em tempos pandêmicos, se a lei instituída, escrita ou não, consistisse em sair de casa, “levar a vida normal”, no estilo “Milão não pode parar⁹”, estaríamos dispostos a morrer em obediência à ordem de um (a) comandante?

-kafka-foram-assassinadas-em-campos-de-concentracao.shtml

6 “Nossa sentença não é aparentemente severa. Consiste em escrever sobre o corpo do condenado, por meio do Ancinho, a disposição que ele mesmo violou. Por exemplo, as palavras inscritas sobre o corpo deste condenado — e o oficial apontou o indivíduo — serão: HONRA A TEUS SUPERIORES.” (Kafka, “Na Colônia Penal).

7 Sobre o caráter doloroso do sistema penal, ver Nils Christie, “Limites à dor”.

8 “(...)Era como havia sido em vida; não se descobria nele nenhum sinal da prometida redenção; o que todos os outros tinham encontrado na máquina, o oficial não encontrara; tinha os lábios apertados, os olhos abertos, com a mesma expressão de sempre, o olhar tranquilo e convencido; e atravessada no meio da testa a ponta da grande agulha de ferro”

9 <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/27/prefeito-admite-erro-ao-apoiar-campanha-milao-nao-para-imitada-no-brasil.htm>

Haveria um absurdo Camusiano neste admirável mundo novo pós-covid?

Houve quem relacionasse o fato de estar em casa, de quarentena, com a prisão. No Brasil, fala-se em utilizar containers para depositar os presos, evitando, assim, o surto de Covid-19 nos estabelecimentos prisionais¹⁰. Essa providência, talvez, ao gosto do “antigo comandante” da obra de Kafka.

E por falar em desejar o retorno do “antigo comandante¹¹”, o que dizer sobre as manifestações, no Brasil, pedindo o retorno da intervenção militar e do AI-5?

Ismar Nascimento Jr.

10 <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/com-mortes-por-coronavirus-ministerio-da-justica-quer-vagas-para-presos-doentes-e-idosos-em-containers.html>

11 Aqui jaz o antigo comandante. Seus partidários, que devem ser já incontáveis, cavaram esta tumba e colocaram esta lápide. Uma profecia diz que depois de determinado número de anos o comandante ressurgirá, e desta casa conduzirá seus partidários para reconquistar a colônia. Crede e esperai!” *In* Kafka, “Na Colônia Penal”.

NÃO MAIS

Já não mais sei
O que esperar de mim,
O que esperar de nós(?)
Doei-me por inteira, e
Perdi-me em teus falsos encantos
Maldosos e prepotentes,
Era tudo um engano.

Já não mais sei
O que esperar de ti.
Não mais estamos a sós.
Coloquei-me em evidência,
Livrei minha consciência,
Tirei-me dessa insolência, que
Tanto me iludia, tanto me desolava,
Tanto me torturava, e que, por anos,
Alimentava sua violência.

Já não mais sei o que esperar de mim.
Hoje, não mais existe “nós”, apenas registros,
Confusos e vazios, de
Quando estivemos a sós, de
Quando existia um “nós”, de
Quando calastes minha voz, de
Quando o amor ainda pairava, de
Quando você ainda me amava e
Considerava a mulher que lhe acompanhava.

Já não mais sei o que aqui escrevo,
Já não mais sei em que acreditar.
São tantas memórias, tantos acontecimentos.
Tantas idas e vindas, tantos momentos.

Já não mais sei o que esperar de mim,
O que esperar de ti,
O que esperar de nós.
Não mais estamos a sós.
Enfim pude desatar os nós, que
Me prendia
A você.

Renan Francelino da Silva

NEM TUDO TEM PREÇO

Nem tudo tem preço
Dignidade não tem
Amor não tem
Felicidade de verdade
também não

Nem tudo tem preço
e o que você me pede
não tem como ser aceito
sem tirar um pedaço de mim.

Nem tudo tem preço
e, se você fizer
o que me violenta
vai finalmente aprender:
Nem tudo tem preço,
mas tudo tem troco

Rodolfo Pamplona Filho

NOTA TELEGRÁFICA 4

Não sem surpresa. não recebi suas mensagens. ao meio do caminho houve uma interceptação. fomos apanhados. aquele plano de criar uma comum unidade fora descoberta. mas há noticiais de que em uma ilha mora um cavaleiro escritor. ele também tem problemas com as regras de pontuação. não quer pontuar e vencer. típico dos comuns. há um outro que vive em meio a uma mata. sua casa tem janelas que dão para o nada. e o nada que dá para a próxima pessoa que chega. uma casa sem portas ainda seria uma casa? bom. assuntos comuns. é impossível o azul quando vem embalado em potes nominais. por vezes tendo a pensar que o amor é inominável. de certa maneira. aquilo que é comum. lembra como havia amores espalhados pelos amarelos na Toscana? essas notas encontradas. interceptadas. dão o tom dessa coisa toda. só um Caetano mesmo. “todo mundo quer saber com quem você se deita. nada pode prosperar”. mas dá última vez eu prometi parar com as canções. não sei cantar. na mesma medida. não sei usar telégrafos. mesmo assim. não consigo parar de enviar essas remessas. um quase diário da viagem que aconteceu em uma via iluminada por um azul celeste celestial. risos. vem escorrendo pelos poros essa ânsia de descumprir as regras. on the road. é o livro que gostaria de ter escrito se não fossem as interceptações diárias. P.S. envio essa nota sem remetente para evitar os espíões. o mundo anda tão complicado. essa é uma canção da legião urbana. um beijo.

Bernardo G.B. Nogueira

NOTA TELEGRÁFICA 5

Evidentemente que as pessoas têm seus nomes. e os adjetivos acabam compondo os nomes. e as estradas pelas quais andam as gentes. nas ruas de Lisboa. local propício para os telégrafos. os envios. e os azuis. acabei descobrindo uma evidência. porque as pistas são os que nos restam. os outros nos deixam. e deixando. começam enfim a ficar. que isso seja evidente. não sei. por isso sempre que posso escrevo. é jeito de nunca deixar de ir, estando. que é também outro forma de tocar. daí que em meio ao outono brasileiro. descobri que em Lisboa seus olhos eram amarelos. amarelos e mel ao mesmo tempo. azul. amarelo. mel. uma boa combinação secreta para que não sejamos outra vez apanhados. as ruas de Lisboa velha têm muitos fios. desconfio que eles nos estejam a transmitir para algum outro lugar. mas isso já tem na canção do Chico. e lá vamos nós. não nos afobemos. e os azulejos que nos salvem desse saudosismo. azuis e tão enigmáticos. mas que enigma esse que desvendi. as pessoas são é cores. em cores. e você é amarelo Lisboa. ora pois...

Bernardo G.B. Nogueira

NOTA TELEGRÁFICA 6

Remeto nessa garrafa as mais insinuantes vozes já lançadas. parece que o outono não está nada sutil. não acha? veja que lá naquela ilha faz outra estação. e é divertido pensar que enquanto as folhas secam aqui. por lá. bom. não me quero alongar. hoje encontrei um pano que parece com a seda do lenço de Bob Dylan. que tem aquela mesma sensação que sentimos quando tocamos o amor. é seda. não esquenta. não esfria. esquenta e esfria. enquanto isso a garrafa segue nesta highway. é bem sinuosa a ventura de te ver. você já foi azul. amarela. mel. e agora se apresenta em pleno estado de transição. entre um gole e outro escuto um pássaro preto. sabe o quanto de Belchior tem um Bob Dylan né. uma beatle song. falamos sobre isso lá em Sobral. e nunca mais atravessamos o deserto sem deixar cair no chão a estrela. aquela que um dia comprei. voltando daquela viagem ao Nepal. nada de pontos finais por essas bandas. queria que a garrafa terminasse antes desse convite chegar. mas quando me encontrar. não esqueça que estou à espera de um milagre. e sempre eles vem. despedidos de pompa. no mesmo tom que toquei para si aquela velhíssima música que não se canta mais. um velho que morava em uma ilha me disse que não era bom viver olhando pra trás. nem olhando pra si. senão. a gente corre o risco de não se ver. espero naquela estação que nunca combinamos. não há problema. é preciso não estar para que isso de amor tenha lugar. eu não vou te esperar. para que tenha o amor. aqui o seu lugar. não há cidade que baste para essa fuga...

Bernardo G.B. Nogueira

NOTA TELEGRÁFICA 7

Não te irei esperar como se o mundo estivesse a acabar. não é possível transar com grana uma estrela cadente. nenhum metal alcança os dias esquecidos de tanto viver. e dizem que há quem viva de memórias. não posso me lembrar exatamente para que venha aquela dimensão nova de onde brota o próprio mundo. quantas vezes vamos ter que ouvir repetidamente os álbuns do clube da esquina. nada será como antes. e as forma de amar ainda hão de se inventar. agora mesmo aquele casal de mulheres que passou por nós se transformou em uma equação inacessível. e dizem que há formas de amor. em outro momento já havia advertido que as trilhas dos Andes não são percorriáveis em primeira pessoa do singular. há sempre um não lugar. há sempre um não lugar. e essa não é uma frase retórica. eu vejo agora que a Paula Toller já cantava sobre telégrafos em 92. acho que não tem nada melhor do que despedir a memória para chegar o amor. amamos esquecendo. amamos o esquecimento de si. poxa. imagina. quando atravessei a avenida paulista eu estava ouvindo essa canção de 92. você não estava ainda no mundo. eu não estava te esperando. até quando nós iremos continuar a acreditar apenas naquilo que existe? esperar é um ato milagroso. que só acontece quando você não chega. o amor é impossível. aconselha-se ouvir Bob Dylan e ler Derrida. a vida é pra valer. já diria o poetinha. que não cansou de esperar. que não cansou de não esperar. risos. esta nota espera ansiosamente o corpo destinatário.

Bernardo G.B. Nogueira

NOTAS SOBRE O RIO

No subterrâneo da linguagem o meu corpo entra em ebulição.

E anseia incontrolavelmente por arte

E me faz incessantemente caminhar sobre o calçadão de Ipanema

Em busca de algo que eu deveria saber, mas não sei.

Não sei sequer o que busco, menos ainda o sentido de buscar

Sinto o Rio efervescer meu corpo

E resultar em um fascinante amor pela cidade

O Rio é o meu corpo em movimento,

É cada gesto inesperado,

É o emanar de poesia,

É uma mensagem de amor que se esconde em uma entrelinha,

E me faz amar o indecifrável

E apreciar o incontrolável.

No ápice do Corcovado pude ver que a beleza da cidade vai além da harmonia

A beleza está nas entrelinhas de um encontro,

Na exuberância de sua simetria,

E vai além da poética da Cidade Maravilhosa.

Me desloca do “eu” para “mim” no processo de autodescoberta

O Rio é, sobretudo, a minha memória genuinamente feliz.

Jordane Costa Oliveira

NU DE EMPINADA CORROSIVA

Desgraça, de graça, em graça tenente;
As ruas ainda chamam os nomes
Os pés se curvam por elas
Ninguém sabe onde a praga se esconde
O tórax receia atinar dela

Adeus, sem despedidas
Chegadas, sem [contentes] abraços
A sensação atônita:
No seco, vir,
Morrer afogado

O mundo contempla repouso
Em respiro frouxo
Da coragem [quase] terna
Redescobrimo o ouro
Que a rotina, vez, despreza

As flores de abril já são azuis
Que um sonho assim jamais retorne
Da esperança aflita infinita
De quem quer ver a Ilze rir
Como Irene dá sua risada

Falta fôlego
Cruzar os mares
Escarlar picos
Revir em si
Um tanto do outro
[dentro de casa]
[pra quem tem casa]

Tantos tetos escasseiam

Antes de Pilatos lavar as mãos
Depois do apuro delas lavadas
Dentre as banhadas com sangue
Pôs-se preciso mundificar a alma

Há distâncias
Filha do isolamento
Irmã da neo-solidão
Onde o sol se lobriga
Num espasmo de ilusão

Mães, qual que choram?
[pelos filhos]
Filhos, por quem rogam?
[pelos pais]
Pais, sede peões?
[pelos filhos]
Mãos, quão demoram, no poço das aflições?
[silêncio]

A vida que vai sem par
Na fila de longa espera
A dança da morte figura
O quebranto da primavera
O coração está nu (quando bate)

Caio Vlasak

O ADVOGADO COM RELIGIÃO

Há muita nobreza
Na profissão do causídico
É quem salva o cliente
Do ilegal e do inverídico
E há um sem-número de adjetivos
Mas o advogado é mesmo
Um pidão:
“Vossa Excelência: isso!”
“Vossa Excelência: aquilo!”

Credor por natureza,
Uns lhe devem dinheiro
Outros lhe devem liberação de alvará
Há quem lhe deva deferimento, provimento
E “ai” daquele que se atreva
Ao não acolhimento
De seus embargos de declaração

Ao dormir,
Não reza uma prece, mas uma petição:
“Santo Ivo: isso!”
“Santo Ivo: aquilo!”
E se o provimento divino não lhe agrada
Ele interpõe apelação:
Pelo amor de Deus!

A lide é dura
A turma não majora os honorários
A Secretaria não faz a conclusão
Prazo, prova e pressa
Quanta luta e abdicação

Mas nem tudo está perdido:
O advogado tem fé e convicção
E suplica extraordinariamente:
“Ao Excelentíssimo Senhor Ministro Presidente
Do Supremo Tribunal Federal”
Pede admissão e cumprimento
Sob pena de agravo
E reclamação

Suelen Tavares Gil

O AMOR

O amor ganha chão
e arrebenta raízes
ali onde os pés
se sabem asas

Luciana Pimenta

O CONTRASTE

Observação.

Beleza viva em meio a dor da morte.

Dia branco.

Céu acinzentado.

E a tristeza que não tem cor... Ressoa o silêncio profundo.

O barulho da dor grita mudo em meio ao som do vento que ecoa.

Disfarce oculto a quem chora por dentro,

Teme e reza.

Enquanto tentam pensar positivo,

Fé,

Aos que vivos estão velando os que se vão...

(abril, 2020)

Patrícia Salviano

O JÚRI E O DIREITO PENAL DA OPRESSÃO

Doeu

Quando vi que a justiça é cega.

Mas, a injustiça estampava

Naqueles rostos em que a desigualdade social falava

Doeu

Porque se estava eu sem dormir bem por uns dias

Para réu, há mais de um ano, dias e noites se confundiam

O pior de seus dias:

Dormir no chão de uma prisão

Doeu

Porque ali Também havia misoginia

E ver uma testemunha mulher

Ser desqualificada por ser amante dói

(Um homem nunca seria desacreditado em razão daquela situação)

Doeu

Por saber que jamais ouviria sobre meu filho

O que aquela pobre faxineira ouviu da acusação:

- carteira de trabalho assinada com bandido na profissão

Em um país com tanto desemprego

A ausência de vínculos empregatícios já dizia muito sobre aquele caso

E não tinha nada a ver com tal aquela rotulação.

Doeu
Porque uma votação de 4 X 3 dói na alma
Faz a gente sentir na pele
Que o *in dubio pro réu* é uma falácia.
Doeu porque o meu privilégio também dói.
E dói mais ainda reconhecer a impotência defesa
Diante do Direito Penal da Opressão

Monaliza Maelly Fernandes Montenegro de Moraes

O LIMITE É O PRÓPRIO CORPO

A rotina aprisiona
Aqueles que desistem
E deslembam de colocar em desuso
A fábrica de ideias sem endereço
Estamos acostumados
Com aquilo tangenciável
Quando na verdade
Aquilo que não aparece
É muito mais interessante
O desconhecido faz brotar
Um corpo sem limites
Uma porção de coisas inúteis
A serem reutilizadas
Com o dom de fazer
As palavras ganharem
Fôlego de pensamentos
A velocidade atrasar
O encontro necessário
Assuntos sem importância
Ganham novos sentidos
Quase sempre estamos no inverso
Acontecendo dentro da poesia
Nada está fora da arte
De ser encantado pelos versos
De um poeta sem nome ali agora

Uali Matos

O OVO BRILHAVA NO PRATO

As batidas do coração sozinho
seguiram o pulsar dos olhos,
lágrimas brilharam
em jorro
sem eco e plateia.
Perdia-se pensamento
e vida, turva noite:
silêncio e fome.
No prato, o ovo
brilhava, redondo, perfeito.
O garfo espetou
por hábito, tingindo o branco
do arroz. A cela, a casa.
Os filhos, longe.
A alma há muito vazia.

Marilena de Curitiba

OS INFLUENCERS SAEM DO ARMÁRIO: O QUE ISTO PODE SIGNIFICAR SOBRE A OPINIÃO PÚBLICA?

Em setembro de 2019, um deputado conservador levantou e trocou de lado no meio da sessão do parlamento britânico. Na época compartilhei com alguns amigos que aquele gesto me parecia um momento de inflexão da onda antiprogressista no mundo. A grande maioria me respondeu com ceticismo.

Nos dias seguintes, movimentos populares contestatórios foram se espalhando pelos países da América do Sul. Johnson até venceu a eleição do Brexit, mas não sem recorrer a artimanhas que lhe permitiram explorar as lacunas do sistema distrital britânico, e não sem também despertar velhos ressentimentos adormecidos na Irlanda do Norte e na Escócia. Na Hungria, Orbán sofreu uma derrota significativa na eleição municipal em Budapeste. Na Argentina, o projeto de Macri foi rechaçado nas urnas. Mesmo no Uruguai, o candidato vencedor, apesar de ser considerado “de direita”, é tido dentro do seu partido como um nome ao centro (e que fez questão de descolar-se da imagem do presidente brasileiro logo ao primeiro elogio que recebeu do mandatário). Em Israel, apesar de Netanyahu ter conseguido manter-se no poder com uma geringonça de dar inveja aos portugueses, os partidos árabes e progressistas experimentaram um avanço considerável no parlamento. A momentânea vitória também não lhe garantiu a esperada imunidade ao acerto de contas com a justiça israelense, que está em curso. No início de 2020 sobreveio então a pandemia e esta sequência de acontecimentos hoje parece ter ficado no século passado. O movimento de influencers brasileiros posicionando-se politicamente nas últimas semanas pode ser um sinal, por outro lado, de que a mudança continua.

Quando Felipe Neto fez seu video-manifesto pelo posicionamento político dos influencers brasileiros, ele fez muito mais do que arriscar perder milhões de seguidores e contratos de patrocínios, portanto, perder dinheiro. Ele fez o que Steve Jobs costumava chamar de “criar tendências”. Felipe Neto estabeleceu uma tendência no mercado da informação. Seu movimento foi tão bem-sucedido, que o levou a ser entrevistado no Roda-Viva, tornando-se um influencer intermedia. Diversos influenciadores em diferentes mídias começaram a seguir, então, a sua tendência.

Sincronicamente ao posicionamento político dos youtubers, acompanhamos os mandatários brasileiro e norte-americano adotando posturas cada vez mais obscurantistas e negacionistas em relação ao coronavírus, provocando incidentes desnecessários — contra a OMS, contra a mídia, contra a ciência, contra os Poderes republicanos, contra a potência asiática— em um movimento quase ensaiado entre eles. Nos dois países este movimento também foi marcado por um significativo antagonismo dos governos estaduais e, especificamente no Brasil, por três insubordinações bastante simbólicas na equipe governamental.

O nível do descontrole sobre a pandemia que os dois países, reconhecidos internacionalmente pela qualidade e pela competência na gestão da saúde coletiva, enfrentam é surreal. A movimentação dos respectivos mandatários centrais, sabotando diuturnamente os esforços de pessoas bastante competentes em todos os níveis de governo soa quase como se desejassem que a pandemia saísse do controle em seus países. Basta olhar para o caso da potência asiática, que enfrentava um movimento pró-democrático que fora interrompido pela pandemia, no entanto, que a hipótese de que o descontrole da pandemia seja um movimento deliberado destes dois governantes vem logo à mente. Tão logo as restrições de isolamento social foram levantadas, o movimento ameaçou ressurgir, na Ásia. O coronavírus se mostrou, neste caso, ainda que incidentalmente — acredito — um eficiente instrumento de controle populacional. A hipótese da pandemia deliberada nos dois gigantes ocidentais ganha mais um argumento favorável quando seus mandatários começam a acusar a potência asiática de assim ter agido. Já é mais do que notório que uma das principais táticas dos dois caudilhos digitais é imputar aos adversários aquilo que eles mesmos fazem.

O final do mês de maio traz um novo elemento para a questão democrática no Brasil e nos EUA. No Brasil, o movimento dos gigantes adormecidos aterrissou como um meteoro nos sites divulgadores de fake news, a engrenagem central da máquina de propaganda dos movimentos regressistas. Isso parece que vai ser um impacto bem pequeno perto da era glacial que se aproxima à medida que o inquérito das fake news avança na suprema corte brasileira. No entanto, é nos Estados Unidos que o grande imponderável pode vir a ser. As manifestações decorrentes da injusta e cruel execução de George Floyd está levando a população à rua por todo o país — com pandemia e tudo o mais. A motivação que leva parte significativa da população norte-americana às ruas mesmo sob a ameaça do covid-19 não pode deixar de ser vista sob o mesmo contexto que movera o povo no Chile, na Colômbia, no Equador e até na Bolívia, a despeito do estado e exceção que se instaurou após a saída de Morales. Os Estados Unidos da América, hoje, é o Chile. O que não deixa de ser de uma ironia histórica bastante subliminar.

O posicionamento político de digital influencers pode ser bem mais do que um gesto político de significado individual. Independente da sinceridade ou não dos youtubers que hoje se declaram arrependidos de seus posicionamentos do passado ou munidos de uma nova consciência política — e não vou julgá-los em relação a isso porque, particularmente, acredito que toda luta política tem como objetivo mudanças de consciência, então questionar a motivação destes youtubers seria questionar a mim mesmo — este movimento pode significar objetivamente que as ferramentas de SEO estão apontando uma tendência de mudanças na opinião pública, potencialmente um giro progressista.

Ainda que você discorde da capacidade política de Filipe Neto, não pode deixar de reconhecer sua habilidade para o marketing digital. Sinceros ou não, os influencers não estariam colocando suas opiniões política tão francamente na internet sem alguma certeza que estas opiniões não resultariam em queda significativa de rendimentos. Como lembrou um youtuber que acompanho regularmente, o Schwarza do Poligonautas, alguns influencers como Anitta e Felipe Neto até podem se dar ao luxo de perder seguidores, mas a maioria não. Um posicionamento mal colocado nos tempos difíceis que es-

tamos vivendo pode significar perda de recursos significativos para a maioria dos influencers que, vale lembrar, também são trabalhadoras e trabalhadores precarizados.

Mantenho meu otimismo em relação aos ventos democráticos e progressistas. Eu acredito que o ponto de inflexão da guinada regressista no mundo foi, simbolicamente, a passagem do parlamentar britânico para a oposição no meio da sessão. Os setores da extrema direita sabem disso, até porque, no momento têm sido os mais hábeis jogadores no campo virtual — mas a democracia reage. O movimento *sleeping giants* e a emergência da *rashtag #somos70porcento* são os mais novos sinais de uma tendência já evidenciada na histórica arrecadação de fundos para a campanha do Senador Bernie Sanders — que as forças democráticas estão começando a se encontrar na arena digital. E se quisermos ser um tanto hegelianos, podemos dizer que essas aparentes mudanças na *noosfera* são apenas os antecedentes de um admirável mundo novo pós-pandemia, mas que não virá sem que as estruturas do velho mundo sejam subsumidas pela força do novo. O novo, para nossa sorte, sempre vem.

Homero Chiaraba

PARTÍCULA

Há muito mais para ser descoberto
Nesse mundo de mistérios
Encoberto por histórias
Fotografias e memórias
Sabe lá se o que dizem realmente aconteceu
O que de fato vejo é como tudo sucedeu
São demasiados fatos acerca de coisas
Das quais nem era nascido
Nem sabia se um dia habitaria o entorno
De todo esse caos, desse contorno de mundo
Percebi que era pequenino demais
Para tentar desvendar o que me traz para cá
Via documentários
Lia relatos
Buscava fatos
Viajava por artefatos
Tudo para tentar desvendar
Uma realidade distinta e peculiar
E entre fósseis de ancestrais
Estudos, experiências laborais
Percebo que também habito parte do segredo
De tudo o que cerca o enredo
Desse grande encaixe mundano
De estar aqui, vivendo
Sobrevivendo
E sem saber o que sucederá
Depois que tudo isso acabar
Caminho a passos lentos
Tentando desvendar,
Buscando me encontrar

Libertar, animar
Reanimar, buscar amores
Abraçar, privilegiar pessoas
Inibir dores, almejar sonhos
Realizar, promover, desenvolver
E me entreter, fazendo parte do mistério
e do eterno, viver.

Paula Yurie Abiko

POR QUE TODAS AS CARTAS DE AMOR SÃO RIDÍCULAS?

Queria escrever-lhe uma carta
Escolher as melhores palavras
Organizá-las
E fazer uma carta de amor.

Juntei as palavras no curral
Algumas não quiseram entrar.
Eram palavras rebeldes, indomáveis
Selvagens, animaiscaas.
Deixei que se fossem.

Havia muitas palavras presas
Precisava observá-las, escolher as melhores
As mais belas, as mais elegantes.
Para fazer uma carta de amor perfeita,
Empolgante.

Coloquei as palavras em desfile
Uma a uma, ia olhando.
Havia palavras muito belas,
Apaixonantes, deslumbrantes.
Algumas apareciam de repente
E num piscar de olhos
Como se tivessem asas
Desapareciam.

Eu tentava busca-las de volta,
Jogava um laço de corda
Queria trazê-las pelo pescoço
Mas elas não se deixavam prender.
Quando eu ia, ela fugia
Quando eu vinha, ela voltava
Quando eu olhava, ela sumia.
Deixei essas palavras para lá.

Continuei olhando para o meu curral.
E então comecei a organizar as palavras
Rima com rima
Som com Som
Ar com ar
Ercom er
Ir com ir
E o or não tinha par.

Algumas palavras não combinavam com nada.
Eram sozinhas, únicas, indescritíveis
De tão autênticas, atrapalhavam a minha métrica
Não cabiam na estrofe
Não rimavam com as vizinhas
Davam muito trabalho.
Soltei então essas palavras ímpares.

Ainda haviam muitas palavras
Muitas frases possíveis
Notei que algumas palavras se repetiam
Outras eram sinônimas
Cortei os excessos.

Algumas palavras cantavam
Outras dançavam, pulavam, sorriam.
Mas que palavras bobas,
Dispensei-as.

Olhei para as palavras que ainda havia
Eram muitas
Umas ficavam grudadas porque vieram de outras canções
Eu não vou negar que sou louco por você!
Este amor sem preconceito, sem saber o que é direito, faz as suas próprias leis.
Índia, levarei saudade da felicidade que você me deu.
Quero estar na tua vida, caminhar o teu caminho
Cadê você?
Onde você estiver, não se esqueça de mim
Eu sei que vou te amar, por toda a minha vida.
Eu te amo, eu te amo, eu te amo!

E assim eram muitas palavras...

Lindas! Mas já tinham as suas próprias canções.
Com aperto no peito, abri a porteira.
Queria o amor que fosse meu, com as palavras que fossem minhas.

Olhei então, poucas palavras restavam.
Já não eram abundantes
Já não eram suficientes.
Só seria possível escrever
Cartas de amor como as outras, ridículas.

Busquei algumas palavras de volta.
Penseinos detalhes
Que são tão pequenos entre nós dois
Mas que são coisas muito grandes pra esquecer.
E então compreendi que esses versos vão estar presentes
Por toda a minha vida.

Soltei todas as palavras e chamei todas as demais de volta.
Assim, com total liberdade, algumas palavras se aproximaram.
Comecei a escrever.

A minha carta de amor
Se há amor,
Há de haver palavras como as outras, de amor.
E há de expressar o amor
Que tenho
Com as palavras que são minhas,
Sejam irmãs ou sejam rimas.

E quando mais tarde me procure,
Quem sabe eu possa lhe dizer
Que escrevi cartas de amor
Como as outras, ridículas.

Bartira Macedo de Miranda

PRECONCEITO

Banhada de um sangue turvo,
Numa noite fria,
As palavras lhe escapavam em profusão:

Você me teve preconceito, por quê?
Humilhou-me?
Bateu-me?
Violentou-me?
Inferiorizou-me?

Não mereço.
Nasci assim. Sou mulher.
Quero meu corpo, rosto e coração.

Um transeunte passava e ouviu seu último grito:
Amem-me.

Morreu dignificando sua dura vida.
E na morte viveu.

Ezilda Melo

“PROPUGNADORES DE MUNDOS”

Nós tendemos a achar que ações democráticas são concepções de mundo, isso porque nos foi ensinado enquanto padrão cultural, que pensar politicamente além de todo esse acervo que nos circunda pode nos fadar em ideologias elásticas. A gente teme uma série de diferenças, porque nós nos colocamos como idealizadores de que o mundo perfeito não necessita delas. Essa linha tênue entre aspecto democrático e ações individuais, talvez seja a coisa mais peculiar que nós enquanto cultura humana possa experimentar. O empenho em fazer com que todos os povos se adequassem a uma configuração individual continua estreitando laços. Na antropologia cultural, aprendemos que os aspectos mais isolados de condutas tem entre eles alguma relação sistemática, acontece que hoje uma conduta individual e não coletiva, pode dizer muito mais sobre o sentimento de reconhecer do que o de estranhar. Adeptos de termos que distribuem o “*jus naturale*” como uma apologia, como critério de justiça a uma natureza, mal sabem que uma conduta intersubjetiva universalmente válida e imutável não atende diferenças irreconciliáveis, porque em ações culturais e políticas não há um ordenamento para a humanidade, isso não requer de nós uma mente brilhante e nem palavras bem elaboradas como essas, porque no final isso tudo é só mais uma abstração de pensamentos que sufocam, mas nos requer um esforço, e como disse Benedict (1946, p. 19) “[...] haveríamos de perceber que o curso de uma ação não é necessariamente falho só por não ser aquele que conhecemos”.

Carlos Henrique Duarte Araújo

QUARENTENA

Ah, sei lá!
Falta-me tanto
E nem tanto.

Às vezes sou só pranto
Outras, sorrisos que não quer passar.

Carne e sangue,
Gratidão e satisfação.
Contentamento,
É sabedoria.

Silenciar pode ser bem mais que falar.
Aprendamos,
Com o silêncio das ruas,
E com o barulho do meu coração.
Ambos,
Calaram minha voz,
Que ainda grita muda
A dor na carne ao perceber sangrar, que se vão, sem abraçar.
(06.04.2020)

Patrícia Salviano

QUE SEJA FLOR

Se você quer que eu seja seu amor,
Permita-me que eu seja flor
E me deixe em pé, inteira.
Aprenda a falar: “espero”,
Não pergunte se bem o quero,
Nem me despetale caso não queira.
Inebrie-se do meu perfume,
Mas com ele não se acostume,
Nem arranque as minhas raízes.
Proporcione-me dias felizes,
Proporcione-me dias urgentes,
Esteja sempre atento, consciente,
De que simplesmente o botão abriu
E se, para ele, não sorriu,
O dia foi perdido, meu bem,
E o sentimento, também.
Saiba que ao colher uma flor
Fará como quem tira o amor
Da palavra “namorada”.
Perceba que, sem ela,
Encerra-se a quimera
A emoção, a primavera,
No talo e no vocábulo
Só sobra o nada.

Mírian Monte

QUEM SABE DE TI?

Teu olhar de pontos
Verdes desfez-se no tempo.
Tua voz de contralto
Não te repete mais
Ideias fixas de ruína
Toc, toc, toc, a sina
Que levaste nos genes
Trazidos pelos mares
Distantes, prisioneira
Foste das promessas jovens,
Sonhos e suspiros em neve
Assados para o amado,
Ciumentamente guardados
Na lata sob a cama. Que
Não usavas, de pé à janela
Olhando a lua, noite inteira.
Teus vestidos belos se foram
Para o asilo das velhinhas,
Os mais novos adornaram
Os vivos da família.
Os que amaste te esqueceram,
E tua morte adolescente tem
Só dezoito anos. Como tinhas
Ao rezar o terço das freiras,
Devota, concentrada. Recusaste

Os abraços da vida, deus
Nos amava e a ti não via.
Do alto do farol eterno
Nos vigias, responsável ainda
Pelas vidas que geraste.
Aquieta-te, o firmamento cede
Para brilhares na distância.
A maldição persiste, batemos
Com chicote molhado nela,
A cada recaída. Puxa teu véu
Sobre o rosto, tule e violetas
Guardam teu perfume.

Marilena de Curitiba

REMOTO CONTROLE

Drummond perguntou a José:

“E agora, José?

A festa acabou,

a luz apagou,

o povo sumiu,

a noite esfriou,

e agora, José?

e agora, você?”

[...]

Eu lhe pergunto:

E você, Maria?

que viu a porta fechar,

aparência cessar,

o social findar

a maquiagem acabar

e a realidade chegar.

E você, Maria?

que vive de engano,

que suporta o desamor,

que se contenta com o desvalor,

que se esqueceu até da dor.

E você, Maria?

que sonhou com o amor,

que imaginou o sabor,

que sorriu ao som do ardor.

Cadê você, Maria?

A mulher guerreira,

arteira,

de palavra firme,
mãos afetuosas,
olhar certo
e direção traçada.

Perdeu-se nos discursos, Maria?
Entregou-se as promessas?
Acreditou nas desculpas?
Fechou os olhos, fingiu não ver?
Aceitou o inaceitável?
Calou-se para não ouvir?

Ah, Maria, e você?
Não há controle,
nem estabilidade.
Não há velhice acompanhada,
nem filhos que justifiquem.

Ah, Maria!
O dia e a noite são um só momento,
a escuridão tomou conta do tempo,
a traição é um constante tormento.
A mentira, a companheira diária.

Acorda Maria!
A porta fechou,
o leite derramou,
tudo acabou.

No lugar da alegria,
somente a dor.
No lugar do carinho,
a mão do horror.
No cristal da beleza,
o vidro despedaçado.

Grita, Maria!
chora,
esconde a mancha com pó,
sofre,
geme,
diz que foi só hoje.
Mente...
e acredita que a porta há de se abrir novamente.

Mas não esquece, Maria!
Nada será como antes,
nada é só instante.
Após a porta, só o mar e a ilusão,
o sorriso forçado,
o apego ao imaginário,
a incoerência das aparências.

E agora, Maria?
Que a realidade chegou,
e o corpo mostrou que o ódio se consumou.
E agora, Maria?
Que a verdade se manifestou,
a paciência se esgotou
e o amor acabou.

E você, Maria?
A quem pouco resta.
Que ao cerrar a porta, se deparou com um espelho quebrado,
com sua imagem embaçada,
machucada,
doída,
ferida,
iludida,
mas ainda viva!
E agora, Maria?

Taysa Matos

RETROGOSTO

Só aprecia o amargo do café
quem experimenta o amargor da vida.
Entende a necessidade do
retrogosto dos desgostos,
Depois de o méleo dissipar-se.
Porém, ao final percebe, que viver é dissabor
com intervalos de doçura.
E não importa quão amaro seja,
Cada gota de vida é cura.

Lougan Cardoso Lima¹

¹ Advogado, pós-graduando em direito penal econômico pela Puc Minas, graduando em filosofia, participa do programa de iniciação à docência na Unifoz, junto às disciplinas de filosofia geral e jurídica.

SOBRE O TEMPO

Não perdemos o tempo,
perdemos a nós mesmo.
O tempo não se vai,
as pessoas estão a passar.
Somos areia da ampulheta
no anoitecer
E nem sempre há despertar.

Lougan Cardoso Lima

SINESTESIA

Somos versos e melodia.
Cada um é poesia e canção,
declamadas e cantadas todos os dias.
Em terra de cegos e surdos sem coração.

Alguns não conseguem nos ler,
outros não conseguem nos escutar.
Mas que culpa eles têm?
Não foram alfabetizados na matéria de amar.

Lougan Cardoso Lima

UM POUCO DE SARTRE

No existencialismo de Satre o homem lança sobre si toda a responsabilidade da existência, onde não existe vida pronta e determinada para cada um de nós, ou seja, não temos essência; nascemos e damos significado ao longo do caminhar. Angústia seria justamente o fardo de assumir as consequências das escolhas que fazemos, sem poder culpar a ninguém por nossas vidas, sejam boas ou ruins. Somos como um bloco de mármore bruto e vamos nos moldando com o martelo e cinzel da vida. Como se todos fossemos Michelangelo de nós mesmos.

Lougan Cardoso Lima

MERGULHO MACHADIANO

Que o universo nos permita ao menos uma vez,
mergulhar em “olhos de ressaca”.

Os tempos são de pessoas superficiais,
que não nos ressacam para si.

E aqueles que escolhem as profundezas,
acabam descobrindo que submergir em pessoas oceano
revelam segredos e tesouros sem iguais.

Lougan Cardoso Lima

SE...

Se Deus existe
Um beijo seu
Queima em pecado
A carne arde
Sobre a ternura do inferno
Quero
Em sua presença
Não temer a morte
Espero
Sob o assoalho
Suar
Entre seus abraços

Caio Vlasak

SEM FRONTEIRAS

Cada corpo é um imã
Que atrai o prazer
E repulsa a dor
O nascer em mim
É quando desfaço
E laço o amor
A cabeça não aguenta
Tal descompasso assina
Acreditar no chão em que pisa
Faz aumentar a fé, seus limites
Palavras agitam e mentem
Pensamentos que ligam
O Eu ao mundo
Admiráveis ideias
A experiência ensina
A árvore da vida
Solta suas folhas
Que voam como pássaros
Assim são os sonhos
Envelhecem e morrem
Precisam ser renovados
O destino aponta longe
Sentimentos que de volta trazem
A sina
Laçado pelo amor.

Uali Matos

SEQUESTRARAM NOSSOS DEUSES...

Com uma miríade de verdades /
Com um cálice de sangue /
O pecado atracou /

E a luz de um universo plural apagou /
Esquecemos dos cheiros, do gosto, da vida /
Esquecemos das línguas, dos laços, dos traços /
E enfim, esquecemos de lembrar /

Bem e Mal na terra dos Deuses /
Coisas tão importantes que nem ao menos existiam /
Um mundo inteiro sem culpa /
Não, o inferno não era nosso. /

Trancados, marcados, atordoados /
Maltratados até odiarem o mais lindo cacho /
Como renascer de um “descobrimento” genocida?
Como superar uma modernidade facínora?
Como ressignificar? Ou melhor, como significar?

Aos melhoradores da humanidade que não cansam de falar dos huma-
nos e exterminar os inumanos, umresplandecente inferno!

Sim, sequestraram nossos deuses...

Renato Schindler

SOB A LUZ DOS ASTROS

Cintilante brilha a jovem estrela solitária
Ao revés daquilo que sua solidude faz valer.
Nessa nova gravidade surge um bel-prazer
Que até mesmo o vasto cosmos se atrapalha.

É divino tudo aquilo que confunde o trivial
Como a passagem da estrela ao perfurar céu
Que ao descansar no solo traz uma nota cruel
Que fogo há de suprir sobre a terra marginal.

Assim, vou mirar no céu e não sentir tormento
Para só apreciar tudo que é belo e imortal
O fim desse meu jovem astro sobre o tempo.

Ao chegar no fim, lembrarei do brilho dela
E deleitar-me-ei das manhãs ao raiar do nosso Sol
Sonhando com aquele velho céu em aquarela.

Gabriel Silas

SOBRE A LIBERDADE EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL.

Falar sobre liberdade exige um esforço maior do que nós podemos dar. A liberdade não pode ser conceituada com apenas “(do latim: libertas) a condição daquele que é livre”. É vago demais. Clarice Lispector almejava algo além da liberdade, o qual ela não conseguiu nominar. Algo que transcende a alma.

Em tempos de isolamento social se faz necessário guardar-se no casulo, embora estejamos limitados fisicamente a mente humana não se aprisiona, ela transcende o conceito de liberdade, e se desloca aos aprendizados e prazeres, que fazem parte da montanha russa que é a vida.

O casulo em que imergimos serve para ressignificar a vida. Podemos frear e ter percepções sobre nós mesmos, ou entender que conseguimos viver com o pouco. A vida é além de nascer e morrer. É sobre a aprendizagem, é sobre os prazeres. É sobre descobrir uma sabedoria instintiva, e como toda arte, sentir a necessidade de lapidar-se e mergulhar no oceano que é o Ser.

É olhar no espelho e perceber o óbvio: eu existo.

Jordane Costa Oliveira

SOBRE PERTENCIMENTO E PANDEMIA

Eu disse a ele que me sentia aérea, que já não me identificava com a terra natal porque não sou mais aquela que vivia lá e também não pertencia a este lugar no qual sou sempre bem tratada, como costuma ser em todos os lugares, mas que reconhece que sou parte de uma violência histórica para com ele. Afinal, não foram os meus a desbravar ou simplesmente a queimar, desmatar enxugar esta terra, ignorando e dizimando seus habitantes originários e seus costumes?

Ele ficou encabulado com a palavra “aérea” analisando todas as sutilezas do vocábulo. Disse que adorava pertencer, que não poderia ser diferente. Eu disse que não pertencer era grave, tema psiquiátrico no meu caso.

Migrar é desprender-se, é conhecer mais, ganhar novas camadas, tolerar um pouco mais as diferenças, no entanto, migrar é também perder o chão, a segurança, as certezas.

Ele pediu que eu não me sentisse assim, que eu não sofresse, que eu me prendesse, que eu pertencesse.

Eu sempre achei que aérea era o que eu queria ser e descobro nas palavras dele (ou seria nas minhas palavras para ele?) a vontade de ser parte, afinal, é aqui que estou “em casa”.

Márcia Letícia Gomes

SUBSTRATO DO EU

O mundo é demasiado complexo
Traduz nossos reflexos no âmago de nossa existência
Marcada em essência
Por voltas e amarguras
Devaneios e loucuras
Alegrias e fissuras
De seres sempre um pouco perdidos
Atrás de um sentido
A tudo o que nos tem cercado
Obnubilados pela sombra da tecnologia
Pensando em demasia
E mesmo assim sentindo muito pouco
O homem moderno caminha em meio ao caos
Olhando para os lados, buscando direções
Em meio ao turbilhão de emoções
De seu ser amargurado
Mas apesar das agruras internas
Em muitos ainda ressurge a possibilidade
Entre todas as adversidades
De tentar mudar a rota
Buscar quebrar os paradigmas
De uma sociedade cada vez mais enrustida
Em suas falácias pós modernas
Entre os versos e questionamentos
Em algum momento
Há de surgir a esperança
Em tudo o que nos trás mudança e novos ares
Regozija a alma e o espírito
Nos coloca além de nossos instintos
E nos torna mais valorosos de sentimentos
Almejando o crescimento em totalidade
Sem vaidades
Torço para que em algum momento

O ego distorcido pelos interesses cotidianos obscuros
Possam ser trocados pela preciosidade
Da troca inequívoca e desinteressada
De indivíduos que sonham além dos próprios interesses
Com um mundo de valores e sonhos
Guardado no mais íntimo do substrato humano
Nos tornando propensos a aceitar
De coração aberto a acalantar
Todas as nossas angústias apaziguar
Descansando nossa mente na verdade em essência.

Paula Yurie Abiko

SURPREENDA-ME

Surpreenda-me.

Quero ver do que

Você é capaz.

Tire-me do chão,

Lance-me aos ares e

Faça-me pousar no

Sossego de seus braços,

Pai.

Renan F.

TE AMO DO MEU JEITINHO

Te amo do meu jeitinho,
Manso, calado e devagarzinho.
Chego perto dos seus cachos pretos,
e me esquivo de fininho.
Surge o medo e o receio, que me tiram do caminho.

Te amo do meu jeitinho,
Sem pressa, sem fogo, sem você.
não é um amor recíproco,
você nem sabe que eu existo,
por que guardo o coração, para ninguém vê.

É egoísmo da minha parte?
Não te dar a chance de decidir,
se quer ficar ou partir?
Desejar de longe, mas querendo de pertinho?
Seria ruim o meu jeitinho?

É seguro, certo e firme.
Bom para mim, excelente para você.
Tu és mais feliz sem o meu carinho.
E eu sigo te amando do meu jeitinho.
Manso, calado e devagarzinho.

Elizabete de Araújo Souza

TÉDIO

Além do Corona, o tédio é o maior desafio. Não que a casa seja o nosso refúgio, a fortaleza nesses tempos de isolamento, mas o ócio tem seu lado duro. Descobri que há rotina no hábito de “nada fazer”.

Das leituras diárias, dos diários que fazemos em cada toque da tela, me vejo esgotado, esvaziado de repertórios para manter a mente ocupada.

Em meio as notícias que desafiam o nosso equilíbrio mental, o sol se abre lá fora. Vejo da varanda e me abro para tomar um banho de Vitamina D. Como se não bastasse, eu canto e danço algo típico de um ritual qualquer.

É nesses tempos que o corpo e a mente são testados a exaustão. A rotina nos testa a ir além dos limites do cansaço.

Gustavo Medeiros

TENTATIVA DE POEMA

Um dia me perguntaram se eu já tinha cometido algum crime

Respondi que sim, ao que meu interlocutor incrédulo me perguntou: “mas qual crime cometeste?”.

E eu ligeiro respondi: “Escrever!”.

E meu interlocutor: “Como assim escrever!?”.

E eu respondi: Escrever em um reino onde o soberano ama a boçalidade, é um ato revolucionário. E eu escrevo sobre a vida, a morte, a dor a tragédia e talvez até sobre o amo. Em tempos angustiantes e formado por pessoas hipócritas e egoístas, somente o afeto pode ser revolucionário.

Porque pelo afeto as pessoas passam a sorrir, o afeto faz a pessoas se sentirem confortadas em um mundo cada vez mais angustiante e medicalizado.

Pode ser que até um dia eu seja preso e as pessoas passem a perguntar qual crime que eu cometi. Uns dirão que é porque sou comunista — mas na realidade nunca fui —, outros dirão que é por causa de uns ditos “criminosos” que eu defendo — ainda que alguns dos apontadores cometam barbaridades muito maiores —, mas na verdade mesmo o maior crime que eu cometi e que talvez seja digno de me levar à masmorra, é o de tentar ser poeta, porque em um mundo tão vazio é tão sem amor, expressar sentimentos provavelmente é o crime mais grave da história.

Jefferson de Carvalho Gomes

THELMA ASSIS: PARA NÃO ESQUECER(MOS) SEU NOME E SOBRENOME

A vitória de uma mulher que participou de um experimento de um programa de televisão aberta, com duração de três meses, vai ser, sim, reduzida à sua cor/raça, porque, supostamente, “ela não teve outros méritos”. E, a negação de que isso tenha a ver com o elemento racial, numa tentativa de ocultação da seletividade, informa o “pacto narcísico branco” (BENTO, 2002), que obstaculiza e interdita pessoas negras excluindo-as de espaços de poder e bem-estar social e político através do esvaziamento de suas qualidades e questionamento de suas competências (conhecimento, habilidades e atitudes).

O tratamento dispensado ao Babu e à Thelma, por participantes do BBB nas redes sociais, foi firmado na dessemelhança ou na falta de similitude deles para com as/os demais. Babu e Thelma, apesar de serem dois, formaram uma dupla ímpar. Thelma, por exemplo, não foi alçada ao status de sujeita ou mulher em muitas ocasiões, uma vez que ela foi recorrentemente coisificada como planta, uma expressão típica do reality para significar quem não faz falta ou diferença no jogo. E aí é que está. Babu e Thelma foram a diferença. Curiosamente, Babu chegou a ressignificar o conceito vulgar de planta naquele jogo, imprimindo beleza e indicando a potência do florescimento. Thelma Assis, nós enunciamos o seu nome e sobrenome porque aprendemos com Lélia Gonzalez que, se descuidarmos receberemos apelidos ao gosto da branquitude cujas práticas são normatizadas e regimentadas pelo pacto narcísico.

Voltando à Thelma, é forçoso dizer que ela seria julgada e condenada por qualquer caminho que escolhesse ou que tivesse feito na trajetória do reality. Por exemplo, o seu voto no Babu, em defesa da Rafaela Kalliman, na reta final do programa gerou algumas das manifestações virtuais mais odiosas que já testemunhei nos últimos anos e

eu lido, com frequência, com discurso de ódio digital. Mesmo sabendo-se que Babu votaria na Thelma para proteger o seu parceiro de jogo, se ele houvesse prosseguido na disputa.

A violência contra a vencedora do BBB emergiu independente do gênero e cor/raça das/dos agressoras/es mas tinha tudo a ver com o gênero e cor/raça da ofendida. É a colonialidade. Nossa concepção civilizatória ocidental não foi cunhada, em nenhuma altura da história, pela ética do amor pregada por Martin Luther King e, nem pelo amor à liberdade, ou ao amor como libertação, em Bell Hooks. Teremos que seguir transgredindo para nos constituirmos pelo chamado ancestral para a sagrada missão de sermos quem somos, “apesar de”. E, apesar de tantas tentativas interruptivas, nada sensatas, de humanas e de fadas, o Babu e a Thelma seguiram juntos do início ao fim, lutando mais, a cada novo nível do jogo, em busca do prêmio de um milhão e meio, referente ao primeiro lugar. E eu gosto muito disso. Eles entraram com disposição mental para disputar o primeiro lugar. Não foram atrás de seguidores/as – mas conseguiram - , nem de uma posição no pódio e, sim, “da posição” do pódio, a primeira colocação. Sabiam não ser possível dividir o prêmio, mas peregrinaram juntos tanto quanto foi (im)possível.

Bom... a Thelma não ganhou porque é negra: eu poderia resumir tudo nesta frase. Mas, se o fizesse, perderia o passeio que me garante dar “uma espiadinha” e sair do isolamento para sentir o vento e o Sol na cara, o cheiro de terra, o sabor de fruta tirada do pé, os pelos arrepiados, cascalhos sob os pés. Porque escrever transporta a gente da quarentena, ainda que do Quarto de Despejo, para onde quisermos, por um brevíssimo momento, nem que seja para tirar a atenção da dor da fome para a cor que a fome tem, num delírio lírico.

Vejam. No geral, e sistematicamente, mulheres negras perdem no Brasil. Basta somente olhar os dados do IPEA (2013; 2015), DIEESE (2017), Perseu Abramo (2010) e ONU Mulheres (2018) sobre remuneração, qualidade do trabalho, chefia feminina das famílias, grau de escolaridade, índice de violência sexual e de feminicídio e presença no sistema prisional.

Então, num jogo em que se está em disputa o carisma pessoal (aqui a gente recorre às críticas ao juízo de gosto Popperiano e ao pa-

drão de beleza hegemônico, por Audre Lorde); trânsito entre pessoas e grupos (capital político) para firmar parcerias; e, o mais importante, a empatia do público, tudo só depende de você, jogador/a, e das/dos telespectadoras/es, dentre as/os mais de 209 milhões de brasileiras e brasileiros.

Convenhamos que, no BBB, a empatia do público é decisiva. Mas, como se obter empatia quando há pouquíssima capacidade do público de se projetar através da existência de uma mulher preta escura, pouco importando se ela é médica? Mulheres negras não possuem a imagem e a jornada da heroína desejável, seja fora, seja dentro de um programa televisivo. Se tivessem, seriam retratadas com regularidade e normalidade pelos meios de comunicação em geral, pois compõem parcela populacional majoritária no Brasil, por gênero (IPEA, 2013; 2015), mas, como vimos, na 20ª edição do Big Brother Brasil, de dezoito participantes, apenas dois deles eram pessoas negras, sendo uma mulher e um homem.

Atrevidamente, posso assegurar que Thelma é dona de sua história, como cada uma de nós, ainda que interfiram, por grilagem, na nossa autonomia privada para desqualificar nossas escolhas e decisões. Thelma consolidou, dentro e fora do programa, a vitória. Thelma é possível! Mas, notem, ela não se viabilizou sozinha. Thelma é a soma de lutas históricas pelo soerguimento do sujeito coletivo subalternizado por práticas políticas e discursivas contra o seu corpo, não apenas biológico.

Eu tomo como hipótese que a maioria das pessoas votantes, muito provavelmente, não foram pessoas negras porque, de acordo com a Agência Brasil (2018) e o IPEA (2013; 2015), nossos domicílios dominam os 30% de exclusão digital aferida no Brasil pelo último censo IBGE (2010). Logo, muitas/os não votaram por impossibilidade absoluta. Ainda assim, a despeito dos limitantes tecnológicos, a final do BBB 20 foi marcada por grande mobilização de pessoas e coletivos integrantes do movimento negro cyberativistas, que reivindicaram apoio e comprometimento da classe artística, e foram bastante convincentes nesse quesito, obtendo grande adesão nacional e internacional, a exemplo de Viola Davis, mulher negra e atriz estadunidense premiada com o Oscar em 2017 pela atuação como atriz coadjuvante no

aclamado filme *A Cerca/Um Limite Entre Nós* – filme excepcional, com atuação da diva e de Denzel Washington, injustiçado no Oscar, que eu indico fortemente. Viola Davis foi uma das poucas atrizes, a 23ª, para ser precisa, a completar a Tríplice Coroa de Atuação por premiações nos três veículos de arte e entretenimento nos Estados Unidos da América: cinema (Oscar), teatro (Tony) e televisão (Emmy).

A vitória de Thelma Assis no BBB 20 não se deu “por isso”, mas, é mais significativa, sim, pela representatividade que possui a vitoriosa, sem nem precisar abrir a boca para proferir qualquer palavra afirmativa para ser legitimada a respeito de nada versus coisa nenhuma! Trata-se de uma mulher preta retinta e médica num país cuja abolição resta inacabada e que, hoje, mais parece um navio negreiro estilizado, a deriva, um projeto cambaleante de nação predestinado ao desconhecido.

Maíra Vida

TODA

Amassava o barro com as mãos ouvindo a chuva.

A chuva dizia:

“Fazes bem que um dia farão a ti também!

Quando irmãs fomos, no nosso tempo, já era mesmo assim.”

Sentindo os grãos vazando entre seus dedos sentiu-se parte do todo e mesmo distante do mundo lembrou o que nunca viveu.

Jaider Esbell

UM CONVITE À REFLEXÃO ...

De repente, não temos mais as rédeas das nossas próprias vidas, somos obrigados a ficar em casa, a nos afastar fisicamente dos amigos e a lidar com um ambiente de trabalho e uma vida social virtual.

De repente, conseguimos perceber que o pisar na areia, o andar descalço na rua, o ver um pôr do sol e o sentar na grama ouvindo uma boa música pode significar muito mais do que qualquer sonho consumerista.

De repente, enxergamos que o que temos de mais valioso são as próprias pessoas, os abraços, os beijos, os toques de mãos e os gestos afetuosos de carinho.

De repente, percebemos quem realmente deve estar perto, valorizamos a nossa família, enxergamos quem são os nossos verdadeiros amigos e naturalmente nos afastamos daquilo que não vale a pena.

De repente, nos deparamos com um turbilhão de reflexões, um emaranhado de dúvidas, diversos medos e uma certeza: a vida não será mais como antes.

De repente, conseguimos ver que não importa o tamanho ou o conforto da nossa casa, porque um lar com amor será sempre gigante.

De repente, nos sentimos sortudos pelo simples fato de poder enxergar tudo isso dentro de uma casa e ao lado de alguém que amamos.

Rafaela Alban

VALE-AMOR

No quesito AMAR,
vale amor correspondido
vale amor bandido
vale até amor proibido.

Laura Cecília Fagundes

VEIAS ABERTAS

Porque criamos categorias
Do que é certo e errado
Se o que se faz não cabe
Dentro destas normas e feitos
Inventemos outras alegorias
Nossos melhores conceitos
O certo sua melhor versão desmedida
E o errado pode ser a mais louca medida
O contrário não significa a outra metade
Como é possível chegar à verdade fidedigna
Se não aprendemos tratar nossas feridas
E não nos reconhecemos sendo o outro
Somos o descuido que não queremos
Embora sejamos feitos da mesma matéria
Cada qual um modo de ver a vida
Regido pela sua própria vã filosofia
A diferença é que buscamos a sorte ao bel prazer
Reinventamos a todo o momento de descompasso
Desejaríamos somente acertar por quê?
Ainda assim, pretendemos ideais de perfeição.
É preciso ter competência
E perceber melhor o erro
Do menor ao maior ângulo sinalizador
O que cabe dentro dele, não cabe em nós
Há quem não aprenda de uma só vez
E prefere viver errando e aprendendo
Sem problemas
Inculcar sem medidas

Isso faz de nós mais humanos
E menos perfeitos
Encontrar-se nos interstícios
Outra face envolvida
É só o que vejo

Uali Matos

VIOLINO

Ando por ruas estreitas
entre casarões centenários,
adormecidos.
Olho para o céu e vejo estrelas,
olho para trás e vejo
amores esquecidos.
Dancemos, pois, ao som
do violino
que inebria minh'alma
e me faz viajar no tempo,
deixando-me em sintonia
com o universo,
que traduz a minha agonia
e me faz percorrer a estrada
traduzida em cada verso,
que vem com o vento,
que passa pelas ruas estreitas
e segue através do tempo.
Sinto-me um andarilho
sem destino algum
nem pouso a abrigar-me.
Sou como o trem que passa
no trilho
e segue sem notícias deixar
a quem fica.
Quem sabe o dia,
chegando após a noite,
traga a promessa
de um recomeço.
Não meço meus passos,

pois estou solto,
como pássaro que voa
e vai além
do que procura a sua sorte.
Dancemos, pois,
ao som do violino,
arreatadamente,
sem nos preocuparmos
com a noite que passa
e com o vinho
que chega ao fim,
depois de uma jornada
que, entre estrelas, parece
interminável,
mas finda
ao raiar do dia.

Cacau Novaes

VIVER EM PAZ¹

Não quero que
pensem por mim,
Quero pensar
por mim mesmo.
E se isso é errado,
que assim seja,
Que eu pense
por mim mesmo e
Que decida sobre
minha vida.
Que seu seja livre.
E, se isso é errado,
Deixe-me errar para
Viver em paz.

Renan F.

1 Este poema fora extraído da seguinte reflexão: [...] Vivemos, mesmo, num mundo de digital influencers. Pessoas que precisam ousar conduzir nossas vidas — ainda que esta não tenha um rumo certo por ser um livro de páginas abertas das quais nós somos os escritores — por meio de falas e escritos estrita e meramente persuasivos quase sempre vazios e tomadores de opinião. Até quando (?) iremos nos submeter a isto [...], o qual foi objeto de uma de minhas “Eventuais Reflexões Cotidianas” intitulada: “Pensando a Modernidade em Tempos de Influência Digital (a influência dos Digital Influencers)”.



tirant
lo blanch

www.tirant.com/br